COLEÇÃO







WWW PLACAR, COM. B

- A LIBERTADORES DE 99
- OS TÍTULOS BRASILEIROS
- O SUPERTIME DOS ANOS 90
- A ERA ADEMIR DA GUIA
- 23 TEXTOS ORIGINAIS DA REVISTA

A PLACAR TRAZ TODA SEMANA O MELHOR DO FUTEBOL PARA VOCÊ



Placar traz toda a semana o melhor do futebol no Brasil e no mundo.

Os bastidores das rodadas, entrevistas com os destaques, matérias polêmicas, fotos espetaculares, furos de reportagens e muito mais.

QUEM AMA FUTEBOL HÃO WIVE SEM PLACAR

Visite nosso site: www.placar.com.br







CARTA AO LEITOR

AMOR À CAMISA

uando PLACAR nasce, em 1970, o Palmeiras é o atual campeão brasileiro havia vencido o Roberto Gomes Pedrosa, o campeonato nacional de então, em 1969. É o auge da dupla Dudu/Ademir da Guia, ao mesmo tempo que nascia uma nova geração de talentos. capitaneada por Leão e Luís Pereira. Com eles, o time é bicampeão brasileiro. Depois do título estadual de 1976, porém, o encanto se desfaz. O jejum de títulos foi cruel - ainda mais que nesse período o Palmeiras montou grandes times, que deram grandes alegrias à torcida, como contam as 23 reportagens originais de PLACAR reproduzidas nesta edição especial. Nestas páginas, o leitor val se emocionar ao rever o time de Telê golear o Flamengo de Coutinho no Maracanã; Evair e companhia quebrando o jejum no Morumbi, em cima do Corinthians; as duas batalhas contra o mesmo rival na Libertadores, em 1999 e 2000; e muito mais.

P.S.; A camisa do Palmeiras que ilustra a capa desta edição nos foi cedida por cortesia do colecionador paulista João Trinca, Ela foi vestida por Luís Pereira no jogo Palmeiras 2 x 1 Saad, em 6 de julho de 1975, no Pacaembu.

ANDRÉ FONTENELLE, REDATOR-CHEFE



SUMÁRIO

4>>	1972	Campeão paulista	28>> 1993	Campeão do Rio-São Paulo
6.>>	1972	Campeão brasileiro	30>> 1993	Tricampeão brasileiro
8>>	1974	Bicampeão brasileiro	32>> 1994	Bicampeão paulista
1039	1974	Campeão paulista	34>> 1994	Tetracampeão brasileiro
12>>	1976	Campeão paulista	⊒6>> 1996	Campeão paulista
1433	1977	Despedida de Ademir da Guia	DS>> 1998	Campeão da Copa do Brasil
1633	1979	Verdão Maravilha	40>> 1999	Semifinal da Libertadores
1835	1979	4 x 1 Flamengo	42× 1999	Campeão da Libertadores
20>>	1981	Taça de Prata	ЧЧ>> 1999	Campeão mundial
2200	1985	4 x 4 São Paulo	HE>>> 2000	Campeão do Rio-São Paulo
2400	1986	5 x 1 Corinthians	Ч≋>> 2000	3 x 2 Corinthians
26>>	1993	Campeão paulista	50>> 1999	Påster



Fundador VICTOR CIVITA (1907 - 1990)

Paesineure e Eoriga: Roberto Civila VICE-PRESIDENTE EXECUTIVO E DIFFERIR EFFICIALI: FIXITIAL SOUIO COREA

VICE-PRESIDENTE CONTENDAL CIRIOS R. Berlinck Vice-Passinence de Negócias, Garcarlo Civia



DIRECTOR DE MOCLEO, Paulo Nogueira

Omeron de Redação: Ségio Xavier Filho Cineron de Acris: Fabio Bosque Rey Resarda-Chiefes Anadris Fontariolla Espiritir par Fortagonaria: Hilardia Coriga Ayres Europeas Europass: Anadris Rezi Aradido Arbero e Fablo Voljo Revintures: Edestrik Cordula, 1.5e Rumano e Rodrigo Gerda Sunscorres pe Fortagistria: Alexandre Ballibuyii Fortagistria: Edestria Montero IR SAMBETTOR DE PATERDROUI, E CASTERIO COL. AFENDAMENTO AO LEITUM: Silvana Ribert Collaboraram: Leonardo Fabritano, Marcelo Municipo, Reneta Chlurdu, Rús Palon

APOLO EDITOPIAL: DEPTO, DE DOCUMENTAÇÃO; SESANA CATRADO AGRAL PRESSI: JOSÁ CATAS Augusto Nota York: Grava de Solaza Plants: Pedro de Solaza Rio de Jameson; Debota Chaves Dineron Comercua: Alexandre Caldini

MARKÉTINO E CIRCULAÇÃO: Descript Ricardo Paciares de Africia Generie de Produto: Euraldo Junio: Assistente de Produto: Silva Legios Promoções je Eventos: Matina Ciecinio

PRILLICIADE: Describes: Eliain Predo, Rogério Gabriat Compodo, Sérgio Ricardo de Amara Genevres: Cristiane Taseculas, Rificardo Lutgardos (RJ) Elecurenas de Iledócios: Eodo Coda (RJ). Maila tesbel Mardia Execurruos de Contras: Emiliane Harsenn, Horri Marques (RJ), Renda Mistill PROCESSOS: GERENTE DE PRODUÇÃO: APCIEN BIOVATRI SPETA GRORIENACIONEI DE PUNDICIDADE Eria Forrada, Remaio Recorne Coordenación de Produçãos Ricardo Carvalho PLANESAMENTO E CONTROLE GERENTE: Asro las Consultoria Financiaria: Lourdes Oliveira

Gebente Exalitário Onistan Escutosio Reo de Jameros Pedio Director de Publicadas Discouracio Jacques Ricardo Director Escutosio Reo de Jameros: Pedio Reodo Suntes Representante em Porturbil: Manuel José Velxara Director de Publicadade - Clussificadas: Padro Calognollo PORTUBAL: INGUISTA DOS CALARIO INTERIOR DE PORTUBALIDAD.

ARSINATURAS: OPERCIDA DE PURAÇÕES DE ATENDIMENTO AS CONSUMIDOS: AND DAVIDOS

DIRETOR DE VENDAS; AVIRGIA PERGIG

EM SAO PAULO: Repação e Correspondenças ev. das Nactes Unitas, 7221, 15º andar rheiros, CEP 05423-902, (al. (11) 3037-2090, (as: (11) 3037-5030 PVILLIDOADIC IIV. das Niições riclas, 7221, 1*8* areta, Ploheiros, CEP 05/02-502

ESCRITÓRIOS E REPRESENTANTES DE PUBLICIDADE NO BRASIL: BAIO HARIZONTE RA ESCARTORIOS E REPRESENTANTES DE PUBLICIDADE NO BRASEL BELL Herazonte: avido Contamo, 5919, 9° and., Baltav do Carino, CEP 30110-100, Varila R. Pissalongo, Bil. (31) 282-0530, Inc. (31) 282-0530 Brumenur. F. Floriandpolis, 273. Bairo da Velha, CEP 80036-150. M. Marcini Representações, let. (47) 329-3820, Infetec (47) 329-30-91 Braselum SCN- 2.3 bi. Ed Brasilla Radio Cento, 14° and, s. 1489, 0267 70710-922, Solarge Brasins, Ful. (61) 315-7575. avid (61) 315-7575. avid (61) 315-7585 Camenum, c. Concepção, 233, 26° and, conj. 261 3/2514, CEP 12/10-916, C. Press Com-s Representações, trédax (18) 3233-7115 Cummas. av. Cundido de Abest, 651, 12° and, Carino Cinto, CEP 80/30-900, Juárene Hauto, el. (41) 362-426, sec. (41) 282-2710 and, Cartin Civico, CEP 80303-000, Marche Haldi, 91; 4(1) 362-426, fax; 4(1) 282-710
PLonandrous r. Nebocel inidero de Silvaini, 6(1) on 1/67, Com Vielluppa de Civencipio, Niverago
Publicitade, lei: 4(8) 232-1617, felefac (46) 232-1182; Fortzlezz av Dassmibirgador Morera
2000, sis. 604/905, 3/deata, CEP 50170-002, SRS Propaganda e Repris. e Com. Lúds, lefebor
(65) 254-393 Goldánia: r. 10, 258 II, 2, Selon 1986, CEP 74120-004, Midde Wirts Repris. Lite,
Let. (63) 213-3624, lefelar (62) 213-3136 Jepanocueza Dona Fisincisca, 390, oj. 1408, Destro, CEP
80307-350, Vig Media: Poj. Editionais Mid. a Repris. Lita, 3/lefac (47) 433-2728 Linement c
Mehroel Bartosa da Genosa effich, 560, J. d. San Fernando, CEP 80049-501, 685 Sübte Repris.
Coin., taletar (43) 325-9649 Powro Aucere: r. dis Andradas, 1601, st. 902. Centro, CEP 90040-Coin., teletar. (43) 325-9649 Powru Ausene r. dos Andradas, 1801. nl. 902. Centro, CEP 900000-01949, 15° and, sl. 1811, 363 alosé, CEP 50000-900. Multileversan Publiolidad Lida, teletar. (31) 424-3019 Risensia Propies alosé, CEP 50000-900. Multileversan Publiolidad Lida, teletar. (31) 424-3019 Risensia Propies alose, CEP 50000-900. Multileversan Publiolidad Lida, teletar. (31) 435-3530. fax: (16) 635-923 Rin to Juanson: Prola de Boladogo, 501, 1° and. sl. b., sotacqo, CEP 22250-944, Paulis Fenans Similes 181. (21) 555-5100. fax: (21) 236-6331. Sansapor: sv. Fancrado Neves, 505, sl. 401. Edit. Espago Empresaria Plaba, CEP 4160-781. AGAIN Carsoni Publis in Regins substater (7) 343-4802/4656 Merkeu sv. Rio Sansapor. 304, 2° and. cj. 44, Sia. Lúbla, CEP 29055-916. DUVicie Propia, a Marketing Lida., Elebor. (27) 225-3329. ESCRITÓRIOS NO EXTERNIDE. New York: 504 Nex 27In Street, 110 Hont, New York, MY. 10001. int. 1-17-279. 903-60015 sept. 1-19. 255-5107. 4-moir simbolivations com Passes: 31, nece to 110 No. 11

ESCRIPOHIUS NO EXTENSIVE NOW. TORK: 104 NOS 2711 state; 1101 IDBN, 1994 NOS, 1101 IDBN, 1994 NOS, 1101 IDBN, 1994 NOS, 11000, 161-17-227) 924-0015 Nos. 17-327 (3-21-31) Nos. 1-327 (3-21-31) Nos. 1994 Nos. 13, 1994 Micromenal, 75806 Partie, 161. (00351) 48,66,31,18, fac. (00301) 42,66,13,99. e-mail: abrill-paradioparasticol Pentriesa. - Infranciate Excusera e Comencia pagas Abril-Controllioresi-Editors, Lda, Largo. 43,620,51,705. 2785 Linda-a-Velhe, Est. (00351): 416-8701, 1815 Nos. (00351): 416-8701, 181

EDITORA ABRIK: Invenesse Geral: Veja, Veja São Paulo, Veja Rio, Veja Ediçõos Registrate. Veja ra Sala da Auña, Supaintereasante, Web Misrocios: Esame Ensiglam Elozne, Mathoras & Nasionss, Você Sala de Aufa, Suparinteresante, Web Nescours: Esame Brasil em Exeme, Melhoras & Malionis, Você - Sal, Inde Exeme Pereimenas. Cliendia Claudia Cottina, (Ella, Nova, Alvoe Besa, Capitalish, Nasoquan, Punto Chua, Faça Varida, Boe Formi, Was Nasel, Aramaria, Contigo, Lénha Navela, Hantiscrop Mau-cuusaas: Playhoy, Plasca, Cualtru Rodas, Vig. Turasan e Avaranas: Vigens in Turissio, Radional Garpatilic Bessa; Bradis Rodovaria, Sala Pala, Rino de Jamelo, Camaria, Bede Intrinsion, Radional Garpatilic Bessa; Bradis Rodovaria, Sala Pala, Rino de Jamelo, Camaria, Bede Intrinsion, Estrassa, Parias, Magas das Clipilas, Rin-Santos, Atas Redovario Casa e Familiac Casa Citatria, Rinostatria & Coccinação, Saladol, Brano Finicido Innovario-Juvenio: Adio Garniae, Recreas, Olipimon, Danes, Sugari-redicis, existes & Rivasoda sividentes Anara. Murrambara: Avinas Bestados Cobi, Fascaldus et Videas etc. Sérias Raudanas: Alima Branahada. EDHORA GAHAS, EDITORA SHAROLO, ABRIL CONTAGLIFRIPAL/ETIPRESSE, EM POHTUGAL, EBITORIA

Music, Abril Evertos, Abril Productos TVA: TVARIo, TVASUP Parae, TV Films Goldera, TV Films Brasila, TV Films Beem Datalistas i Diexion o máis competo canco de datos do país Esu-cação: Editino Avia, Editora Sopieme Pundação Vistor Civita: Nova Escola

PLACAR 1264-I (ISSN 0104-1762), and 32, 8 uma publicação semanal de Editore Abril S.A. Eniches Astronoses; soliche ad sen jorraleito du pain e-mail; abril eactabrillouri. Dr. O preço serà o da plinta estição em Genca, acrescido da finha da posabjem quando lo sevada pelo cores. (aempra qua hovvar discombilidade en enloque). Distribuido en tedo país pala Dirap S.A. Distribuidora Nacional de Poblacações. São Paulo PLACAR não admite publicidade redacional,



IMPRESSA NA DIVIGÃO GRÁFICA DA EDITORA ABRIL S.A.





PREMOMER & CED: Roberto Carta GASNICTO DA PRODUCERCIAL JOSÉ Augusio Pinto Morsiro. Transar Soute Consa

Vice-Parameters: Carlos R. Barllock, Cests Mantages www.abril.com.br | Glancario Civia, José Wilton Armani Pascincel, Valler Pasquini DOZE TIMES DISPUTARAM O ESTADUAL, em pontos corridos. O Palmeiras chegou à última rodada com a vantagem do empate e conquistou aquele que é até hoje o último título paulista invicto

FOI BEM LÓGICO. DEU PALMEIRAS

Um título não se ganha contando com a sorte de um gol solitário. Ganha-se com muito trabalho e com bom time

>> POR ARTHUR FERREIRA

e repente o Pacaembu ficou verde, coberto por milhares de bandeiras balançadas pelo vento frio. Um coro de muitas vozes, afinando-se como que por milagre, cantou um hino de vitória. Onze homens sem camisa, agarrados, abraçados, alegres, corriam erguendo seus braços: a festa de um título merecido, ganho com paciência, com um trabalho metódico, todo esquematizado, onde o menor detalhe era tão importante quanto os mais evidentes, a raça, o amor, a catimba, uma torcida que chegou primeiro, que foi major, mais alegre, mais quente, mais confiante.

Uma torcida que preferiu deixar o Pacaembu a pé e caminhar, cantando unida, até o Parque Antártica: mais de quatro quilômetros, pouco para a festa que ganhou as ruas, que chegou ao ginásio e que, pela madrugada adentro, continuou pelo campo, pelas arquibancadas, pelo bar, por todo canto onde coubesse um palmeirense alegre e sua bandeira.

Festa do melhortime no jogo da decisão e em todo o campeonato, o Palmeiras. A festa do time que, precisando apenas de um empate para ser campeão invicto, preferiu jogar para ganhar, e que, indo à frente já aos 15 minutos do primeiro tempo, depois de criar duas oportunidades, teve o gol em suas mãos com César chutando para fora uma bola que Sérgio pegou e largou.

Uma bola que Paulo chutou contra o travessão aos 5 minutos do segundo tempo e outra que Terto perdeu quando foi derrubado perto da risca da área, aos 37, foram as duas reais oportunidades do São Paulo.

Nas chances criadas estão as diferenças que contam, porque o Palmeiras foi campeão e ao São Paulo coube apenas o vice. Diferenças que começaram com o trabalho do professor Hélio Maffia, que passaram pela dedicação e pela catimba de Osvaldo Brandão - um técnico que se faz amigo dos Jogadores, conseguindo tudo deles - e que chegou à diretoria, capaz de tentar sempre manter o time equilibrado, contratando jogadores e, mais que isso, de perder muito dinhetro (deixar de jogar a final no Morumbi) para motivar seus craques, fazendo o que seu técnico quer.

O Palmeiras não esperou pelo gol, foi buscá-lo. Não fez nenhum, mas esteve perto. E nem precisava do gol. Depois de 22 jogos com 15 vitórias e sete empates, sua torcida já havia cantado 33 gols e desprezado, apenas oito vezes, os gols que Leão sofreu. Estava contente com os 11 gols que César marcou no campeonato, mesmo sabendo que ele não é o artilheiro. Estava contente por saber o que seu ídolo pensa fazer depois de tudo isso:

— Só quero uma coisa como prêmio por tudo isso. Que eles renovem meu contrato e que chegue logo o fim do ano: vou casar, bicho.

Fumando muito, procurando mostrar que mais um título entre tantos não o tira da linha, fugindo da festa para jantar com a família. Brandão era o homem totalmente alegre que Dudu não conseguia ser num quarto do Hospital São Camilo, na Pompéia, com ameaça de fratura em duas costelas. Nenhum dos dois foi para o Parque Antártica, onde o ônibus dos jogadores só chegou duas horas depois do jogo, quase empurrado pela torcida que, rouca, apenas sussurrava as modinhas que a Banda do Mingo tocou a noite inteira, entre cervejas, serpentinas, desmaios, abraços e beijos.

"BRANDÃO ERA O
HOMEM TOTALMENTE
ALEGRE QUE DUDU
NÃO CONSEGUIA
SER NUM QUARTO
DO HOSPITAL SÃO
CAMILO, NA POMPÉIA,
COM AMEAÇA DE
FRATURA EM
DUAS COSTELAS"

3/9/12 PACAEMBU (SÃO PAULO)

FALMEIRAS O X O SÃO PAULO
J: Oscar Scollaro; R: Cr\$352838

PALMEIRAS: Leão, Eurico, tuís Pereira,
Alfredo e Zeca; Dudu (Madurga) e Ademir;
Edu (Fedato), Leivinha, César e Nei.
T: Osvaldo Brandão

SÃO PAULO: Sérgio, Forlan, Samuel. Arlindo e Gilberto; Édson e Pedro Rocha; Paulo, Terto, Tonisho (Zé Carlos) e Paraná (Wilton). T: Alfredo Ramos



O TITULO FOI CONOLISTADO COM UM O X O, mas ninguém tinha dúvidas de que o Palmeiras tinha o melhor time do país. Um prêmio a uma equipe que já havia conquistado o Campeonato Paulista daquele ano

MAIS UMA VEZ DEU PAI DE FID

Acabou a maratona do Nacional. Seu vencedor foi aquele que melhor se apresentou, o que todos esperavam chegar POR CARLOS MARANHÃO, NARCISO JAMES, TEIXEIRA HEIZER, FAUSTO NETO E DIVINO FONSECA

gomar Martins apita o fim do jogo, a torcida comeca a gritar, pular, chorar. Ademir da Guia dá um chutão na bola e sai correndo em direção aos repórteres de campo, bracos erguidos.

- É meu, é meu. Nós somos campeões.

Ele sabia que tinha ganhado o troféu de melhor jogador do Nacional, a Bola de Prata e a maioria dos prêmios que as rádios e TVs dão ao melhor de cada jogo. Pela primeira vez, em três meses e 14 dias, Ademir perdia a calma.

Nós merecemos o título.

Sem camisa, erguido pelos torcedores que invadiram o campo, Luís Pereira chorava. Aquele negro enorme era o verdadeiro herói do último jogo, um jogo feio, chato, como todo jogo de decisão.

Um dia antes do jogo, a delegação do Botafogo já estava em São Paulo, desmentindo a imagem de boêmia e irresponsável. Dos jogadores, só saíam palavras humildes e iguais às do técnico Leônidas.

 O Palmeiras merece ser o campeão, fez a melhor campariha, joga em casa e pelo empate. Nós tivemos uma campanha irregular, com vitórias e derrotas sem explicação. No fim, acertamos o time e ganhamos moral. Mas sabemos que não dá para ganhar do Palmeiras aqui em São Paulo.

No Morumbi, nem mesmo "quase cheio", muita festa, muitas bandeiras (até do Fogo. com uma torcida barulhenta. que veio do Rio em 64 ônibus), um atraso de 50 minutos. Sempre que há uma decisão entre paulistas e cariocas, fazse um levantamento, cheio de vitórias e derrotas, datas e detalhes. E a tradição mostra: 60% das vezes valeu o mando do jogo. Para Ademir, o Morumbi diminuía essa vantagem do Palmeiras.

- É grande, um bom gramado, que facilita quem toca bem na bola, como o Botafogo. No Pacaembu, com um gramado pior, nossa vantagem seria major.

A partir do momento em que a bola começou a rolar, só mesmo um grande torcedor (e quem não é?) podia sentir emoção nas jogadas. Perigo de gol, muito pouco. Jogadas bonitas, ensaiadas, poucas. Nem mesmo havia o clima tenso e veloz que envolve os grandes momentos.

Talvez a culpa tenha sido de Ademir, que impôs sua personalidade, ritmo e calma aos movimentos dos outros 21 jogadores. Afinal, ele fez isso em todos os campos por onde o Palmeiras jogou, O ataque do Botafogo guase não existiu. Todas as suas jogadas morriam no combate de Dudu, na segurança de Alfredo ou na classe e coragem de Luís

A supersticão se mostrou presente dos dois lados. Mário Genovese, diretor social do Palmeiras, por exemplo:

 Não preparamos nada para festejar, Mas, se ganharmos, a torcida está convidada a ir ao Parque Antártica para um carnaval, Não quero falar mais sobre isso, dá azar.

No vestiário do Botafogo, sobraram algumas velas que iluminaram um pequeno altar.

Um cortejo de carros, buzinas tocando insistentes, muitos foguetes soltos pelos bairros, a torcida se reunindo no Parque Antártica para o carnaval marcaram o fim do Campeonato Nacional de 72. E foi como Brandão falou:

- Venceu o melhor, quem pode duvidar disso?

"ADEMIR IMPÔS SEU RITMO E CALMA AOS MOVIMENTOS DOS **OUTROS 21** JOGADORES, AFINAL, **ELE FEZ ISSO EM** TODOS OS CAMPOS POR ONDE O PALMEIRAS JOGOU"

23/12/72 MORUMBI (SÃO PAULO)

PALMEIRAS O X O BOTAFOGO

J: Agomar Martins (RS); R: NCr\$ 649 445; P: 58 287

PALMEIRAS: Leão, Eurico, Luís Pereira, Alfredo e Zeca; Oudu (Zé Cartos) e Ademir da Guia: Edu (Ronaldo), Madurga, Leivinha e Nei. T: Osvaldo Brandão

BOTAFOGO: Cao, Valtencir, Brito, Osmar e Marinho; Nei e Carlos Roberto; Zeguinha, Jairzinho, Fischer e Ademir (Ferreti). T: Sebastião Leônidos



CRUZEIRO, INTERNACIONAL, PALMEIRAS E SÃO PAULO chegaram ao quadrangular final. Quatro timaços, mas o Palmeiras foi o mais forte. Chegou à última rodada com a vantagem do empate e soube aproveitá la para se tornar o primeiro bicampeão nacional

SÓ FALTOU O GOL

Que foi merecido, ninguém pode colocar em dúvida. O Palmeiras teve 62 pontos ganhos ao longo do Campeonato Brasileiro e o São Paulo não passou de 52. Este 0 x 0 não quer dizer nada, pois foi injusto >>> POR JOSÉ MARIA DE AQUINO

obra de um grande maestro e seus 11 artistas em noite inspirada se tornasse perfeita. Um gol, Mas o que importa o goi, no caso um simples detalhe a mais, se o resto, a gana, o amor, a briga pela bola, o toque, o chutão, o revide, tudo esteve presente? Nada. Nada para quem durante meses, num campeonato inteiro, de ponta a ponta, se mostrou melhor.

Quem precisava correr, sufocar o adversário, ir para a frente e tentar o gol logo de saída era o São Paulo. Poy sabia disso, o time foi instruído para isso, mas o Palmeiras sabia mais. E sabendo, longe de se acomodar na busca do empate, ditou as regras, estabeleceu o ritmo e foi mais time.

O Palmeiras correu quando sentiu que precisava correr para não deixar que o São Paulo o fizesse. Catimbou—e ganhou—quando Forlan, Rocha, Terto e Chicão tentaram catimbar, amedrontar Ademir, Leivinha e, principalmente, Nei Segurou o jogo e a bola quando o gás estava acabando e não se envergonhou de dar chutões para os lados quando o São Paulo, já no desespero, tentou

o tudo ou o nada. Ganhou na bola, na raça, no cuspe, na catimba, nos palavrões. Ganhou, acreditem, com Ademir levando cartão amarelo, saindo com o calção rasgado e olhando duro, de frente, peito a peito com Forlan.

E ganhou fazendo no campo o que foi bolado no vestiário. Onde estão as pedras onde se estrutura o time do São Paulo? Qualquer criança é capaz de responder que estão em Pedro Rocha, em Zé Carlos e em Mirandinha. Qualquer criança e Brandão também. Dudu, como um operário fiel, obediente, foi o cão de guarda que acompanhou Pedro Rocha aonde ele ia, mordendo, ganhando na classe, no grito. E matando Rocha - já meio morto com a perna esquerda sem poder ser usada, jogando no sacrifício - matou mais de matade do São Paulo. Sem Rocha, acabaram os lancamentos para Mirandinha e Terto Ademir da Guia, esquecendo que era o Divino, deixando de lado a nobreza do seu futebol, saiu marcando e até caçando Zé Carlos. Luís Pereira fazia na suazona, no seu pedaço de mundo, o que todo torcedor implorava que alguém fizesse e o que todos nós vamos pedir que ele faça na Copa de 74: arrepiava, saía jogando e zombava de quantos tantos ousavam derrubar a Muralha da China. Deu gosto vê-lo esnobar a categoria que tem. Deu gosto, até, vê-lo repetir Forlan e correr para a torcida do São Paulo mostrando a camisa verde, suada, colada ao seu corpo bicampeão.

E nada disso aconteceu porque o adversário se entregou, perdeu-se por completo na sua estrutura. Aconteceu porque o mais forte, o que decidiu ganhar quando podia até mesmo empatar ou perder, lhe impôs o ritmo e o tempero.

Só faltou o gol para que a obra se tornasse completa, perfeita, imortal, quando se sabe que, por unanimidade, Waldir Peres, o goleiro do São Paulo, foi o melhor em campo, o que mais trabalhou, o que, sem precisar correr, salu de campo suado. Por acaso, dois dos muitos chutes de Leivinha e um de César não valeram como meio gol? E, afinal, os pontos ganhos, a garra, o amor, a superação e a sublimação não valeram e não justificaram o mais merecido dos títulos?

"O PALMEIRAS
SEGUROU A BOLA
QUANDO SENTIU QUE
O GÁS ESTAVA
ACABANDO. E NÃO SE
ENVERGONHOU EM
DAR CHUTÕES"

20/2/14 MORUMBI (SÃO PAULO)

PALMEIRAS O X O SÃO PAULO J: Arnaldo César Coelho (RJ); R: Cr\$ 990 860; P: 66 549 PALMEIRAS; Leão, Eurico, Luís Pereira,

Alfredo e Zeca, Dudu e Ademir da Guia; Ronaldo, Leivinha, César e Nei. T: Osvaldo Brandão

SÃO PAULO: Waldir Peres, Forian (Nelson), Paranhos, Arlindo e Gilberto; Chicão e Pedro Rocha; Terto, Zê Carlos (Ratinho), Mirandinha e Piau. T: José Poy



CONFIGNTE NO FIM DO JEJUM que já durava 20 anos, a torcida do Corinthians foi em peso ao Morumbi, apenas para sotrer mais uma decepção.

VERDÃO IMPÕE SUA JUSTIÇA

Como condenados, 100 mil corintianos viram de cabeça baixa o Palmeiras ser campeão paulista

>> POR CARLOS MARANHÃO

m todos os títulos importantes que conquistou nos ultimos dois anos - campeão paulista invicto 1972/73, bicampeão brasileiro 1972/73 - o Palmeiras sempre empatou a partida decisiva por 0x0. Domingo passado, para a alegria renovada de uma torcida já acostumada às grandes glórias, eque talvez por issopreferiu deixar a maior parte das arquibancadas e cadeiras do Morumbi aos corintianos, provou para quem ainda não acreditava que, se o empate não serve, sabe partir para uma vitória.

Ganhou com um belo gol de Ronaldo, que aos 24 minutos do segundo tempo chutou de voleio na área para desespero, desolação e apatia de três quartos do estádio — e, para facilitar as coisas, de praticamente o time inteiro do Corinthians.

Em bem poucas ocasiões — talvez em duas ou três de real importância — o Corinthians esteve para vencer, no gramado fofo e enlameado, a batalha que sua imensa e angustiada torcida ganhou com sobras no cimento frio das arquibancadas. Mas o grito de gol rapidamente morreu nas defesas dificeis e arrofadas de Leão.

A partir delas, a torcida

minoritária do Palmeiras passou a acreditar que outro título se aproximava e que aos corintianos, novamente, não restaria mais do que a esperança de que no ano que vem as coisas quem sabe sejam diferentes. E gritava bem alto: "Zunzum, zunzum, évinte e um. Zunzum, zunzum..."

No gramado, o Palmeiras, com o velho toque de bola refinado, ia tomando conta do jogo. Foi sobretudo no meiocampo que o Palmeiras amarrou o Corinthians. Ali, senhor do espetáculo disputado nofrio fim de tarde, o grande Ademir da Guia exerceu pela enésima vez em sua carreira, com irretocável desempenho, o papel de regente da orquestra de camisas verdes. Como se tivesse o dom da ubiquidade, onde ele não estava? Na defesa? No meio? Na frente? Em todos os lugares, ao mesmo tempo.

No ataque, Ronaldo não se limitou a ser um jogador de esquema. Foi, longe, o mais agressivo finalizador da equipe. Acima deles, porém, quem realmente brilhou, com dribles escandalosos em cima de Zé Maria, foi o ponta-esquerda Nei. Em três jogos seguidos contra o Corinthians, o caladão Nei reviveu suas ótimas

exibições pela Ferroviária. E acendendo seus cigarros, inquieto e nervoso no banco, Osvaldo Brandão. Seu colega Pirilo, aos 43 minutos, enrolou a toalha na cabeça e, segundo alguns repórteres de rádio, começou a chorar. Não havia mais nada a fazer.

Uns 100 mil corintianos ficaram em silêncio, perplexos, como se não quisessem acreditar no que viam lá embaixo: seus jogadores descendo de cabeça baixa para o vestiário, os do Palmeiras abraçando-se semidespidos, contentes, felizes, realizados, mas não excessivamente eufóricos.

"É mais um título", dizia Dudu, "que nós levantamos". "Tem sido sempre assim. É o quarto Paulista que ganho e acho que vou ganhar mais uns dois", acrescentava Ademir da Guia. "Já estamos nos acostumando", explicava Zeca.

No fundo, bem no fundo, alguns deles demonstravam certa compaixão do sofrimento da massa corintiana. Como uma procissão de condenados, a torcida do Corinthians deixava vagarosamente o estádio indiferente aos gritos palmelrenses: "Zunzum, zunzum, é vinte e um: zunzum, zunzum..."

"A TORCIDA
MINORITÁRIA DO
PALMEIRAS PASSOU
A ACREDITAR QUE
OUTRO TÍTULO SE
APROXIMAVA. E
GRITAVA BEM ALTO:
'ZUNZUM, ZUNZUM,
É VINTE E UM.
ZUNZUM, ZUNZUM...""

22/12/74 MORUMBI (SÃO PAULO)

PALMEIRAS Í X O CORINTHIANS

J: Duicídio Vandertei Boschifila; R: Cr3 2
311 658; P: 120 522; G: Ronaldo 24 do 2º
PALMEIRAS: Leão, Jair Gonçalves, Luís
Pereira, Alfredo e Zeca; Dudu, Ademir da
Guia e Edu; Leivinha, Ronaldo e Nei.
T: Osvaldo Brandão
CORINTHIANS: Buttice, Zé Maria, Brito,
Ademir e Vladimir; Tião, Rivelino
e Vaguintio; Lance, Zé Roberto (Ivan)

e Adãozinho (Pita). T: Silvio Pirilo



O LILT:FORD TITULO de Ademir da Guia no Paime ras foi conquistado com seu ex-companhe ro de meio-campo Dudu comandando o time do banco de reservas. O que ninguém sabia é que viria depois um longo jejum

NINGUÉM GARIMBA A FAIXA DO PALMEIRAS

O belo espetáculo das arquibancadas, nas duas partidas, deixou claro que a torcida palmeirense ainda está muito longe do enfado da glória POR CARLOS MARANHÃO

stava tudo consumado desde a noite de quartafeira, depois da vitória de 1 x O sobre o XV de Piracicaba. Mas somente domingo, no Morumbi, é que a torcida do Palmeiras terminou a grande festa iniciada no Parque Antártica, E. felizmente para ela, não houve falhas no programa das comemorações: derrotado por 2 x 1, o Corinthians não pôde assim carimbar as faixas que os campeões paulistas de 1976 traziam sobre suas camisas verdes quando entraram em campo, sob intenso foguetório, carregando a bandeira do clube.

A alegria pela conquista do 18º título regional — três a mais que os do Corinthíans talvez pudesse ter sido maior se, durante a fase decisiva, pelo menos um dos grandes o houvesse ameaçado de perto. Em todo caso, o belo espetáculo das arquibancadas, nas duas partidas, deixou c.aro que ela ainda está muito longe do enfado da glória

Numa tarde tão brilhante como seu desempenho nesta fase final, Jorge Mendonça — o melhor atacante de São Paulo no momento — brindou seu público com dois golaços, ambos no início do jogo, auxiliado por falhas do zagueiro Ademir. Mais tarde, a reação corintiana seria frustrada por algumas ótimas defesas de Leão, que só não conseguiu segurar a cabeçada fatal de Geraldo, aos 12 minutos do segundo tempo.

No entanto, essa reação foi facilitada pela saída de Ademir da Guia. E ele deu uma nova esperança ao futebol brasileiro quando surgiu no gramado conduzindo seu filho Namir, de 7 anos. Quem já viu o garoto bater na bola acredita que se transformará no craque da ter ceira geração da família.

Um titulo justo? Justissimo. As falhas do regulamento, o êxodo das estrelas, a desc.assificação do Santos, as crises do Corinthians, a decadência do Sao Paulo, a decepção do Guarani, enfim, a má fase generalizada dos grandes responsável pelo crescimento dos pequenos do interior, não servem para subestimar o triunfo do Palmeiras.

Afinal, o Palmeiras foi, de fato, o melhor do campeonato. Na soma dos pontos, nos dois turnos, ficaria com 44, isto é, cinco a mais do que o Guarani, o segundo colocado. E, ao longo de toda esta temporada,

perdeu apenas uma vez, logo no inicio da primeira fase, ao ser derrotado pela Ponte Preta por 3 x 0, em Campinas. Com dois ou três reforços na defesa, o Palmeiras — que ninguém se iluda — tem condições de chegar, como era seu hábito, à decisão do Campeonato Brasileiro.

Pena que, no momento, não se possa dizer o mesmo dos demais. Por isso, contando-se os pontos em julgamento do jogo que ganhava do São Bento, o modesto XV de Novembro de Piracicaba termina como um surpreendente vice-campeão (domingo de manhã, empatou com a Portuguesa por 1 x 1, no Canindé). O São Paulo e a Portuguesa, que no ano passado disputaram a final, ficaram empatados num humilhante sexto lugar, atrás ainda do Guarani (numa terceira colocação que seria razoável, não fossem suas elevadas ambicões), do Botafogo e do América.

Pior do que eles, o Corinthians—apesar de tudo líder absoluto nas arrecadações. Acabou em décimo-primeiro. Em outras palavras, foi o vicetanterna. Único consolo: somou dois pontos a mais do que a Ferroviária "COM DOIS OU
TRÊS REFORÇOS
NA DEFESA,
O PALMEIRAS
— QUE NINGUÉM
SE ILUDA — TEM
CONDIÇÕES DE
CHEGAR, COMO
ERA SEU HÁBITO,
À DECISÃO DO
CAMPEONATO
BRASILEIRO"

8/8/78 PQ. ANTÁRTICA (SÃG PAULO)

PALMEIRAS 1 X 0 XV PIRACICABA

3: Romus do Arppi Fliho; R: Cr\$ 777 915.

P: 40 283; G: Jorge Mendongs 39 do 1º

PALMEIRAS: Leão, Valoir Samues, Arouda
e Ricardo; Pires e Ademir da Guita, Edu
dorge Mendonga, Toninho e Nei. T: Dudu
XV PIRACICABA: Doná, Volmi, Permando
E.ói e Almeida; Muri a Vágner: Pitanga
Narde a (Capitão), Bené (Paumho) e João
Paulo, T: Dema



DEPOIS DE 15 TEMPORADAS defendendo a camisa aiviverde, o Divino decidia parar PLACAR fez um balanço da carreira do craque e concluiu: depois de Junqueira e Waldemar Frûme, ele também ganhana um busto no Párque Antártica

A UM PASSO DE VIRAR ESTÁTUA

Ademir da Guia não vai parar já, mas renunciou à posição de titular absoluto

>> POR CARLOS MARANHÃO

ela primeira vez, em muitos e muitos anos, a familia Da Guia pôde, fora das férias, desfrutar de um longo feriado de fim de semana. Mirna, de 8 anos, a filha mais veiha, e sua mãe, dona Ximena, uma elegante chilena de cabelos negros, alegraram-se com o inusitado acontecimento, saíram na noite de sábado com Ademir, para comer pizza e tomar guaraná, e passaram todos juntos o Domingo de Páscoa. Mas Namir, que há pouco completou 7 anos, achou estranha a presença do pai em casa.

- Vamos ao jogo do
 Palmerras amanhã, meu filho?
 perguntou-lhe Ademir na
 Sexta-Feira Santa.
- Mas você não vai jogar, pai?
 - Não, Nao you, não.

O Sábado de Aleluia amanheceu chuvoso em São Paulo e Ademir mudou de idéia achando melhor ficar em casa. Durante a tarde, Ademir ligava edesligava o rádio para se informar do andamento da partida — o Palmeiras acabou empatando com a Ponte em O x O

A Semana Santa foi particularmente agitada para Severino Vasconcelos Barbosa. Sua responsabilidade era, de fato grande: iria substituir – talvez em definitivo – um jogador insubstituível como Ademu da Guia. Dudu, de certa forma, ficou surpreendido. O time vencera o Santos por 2 x 0 com Vasconcelos e Ademir nas meias, atuando satisfatoriamente, e seu antigo parceiro foi procurá-lo para uma conversa de velhos amigos.

- Olha, Dudu, nós ganhamos. O Vasco foi bem e fez um gol. Ele está na posição certa e eu nao sei jogar na meia direita. O lugar é do Jorge. Acho justo o Jorge voltar Você não acha, Dudu?
 - É, o Jorge está bem.
- Se você quiser deixar o Vasco, não tem problema. Ele está esperando uma chance há um ano e é sua hora de ficar.
- Eu também acho concordou Dudu, tentando esconder a emoção. – Não seria certo tirá-lo agora.

E não e tirou: Vasconcelos entrou em campo com a cami sa verde número 10.

Quase 16 anos atrás a 23 de agosto de 1961, Ademir da Guia assinava seu primeiro contrato com o Palmeiras. Era, então, um jovem jogador de pouca fama — exceto por ser filho do grande zagueiro Domingos — vindo do Bangu. Com a paciência do principiante, esperou na reserva por dois anos, até que o técnico

Geninho o lançou no lugar de Chinesinho. Nunca mais sairia, salvo em conseqüência de alguma contusão.

Foram 14 anos de uma das mais brilhantes carreiras de jogador no Brasil. Ele não chegou a ser perfeito. Jamais aprendeu a cabecear, por exemplo. E nunca chutou com violência. Mas se tornou um personagem único dentro do futebol brasileiro por suas incontáveis qualidades técnicas e pessoais; a largura das passadas compensando a len tidão dos movimentos; o ritmo cadenciado que imprimiu ao time, dando-lhe um estilo inimitável; o equi.íbrio impecável, refletido na elegância de sua figura longilínea; a facilidade de aparecer inesperadamente para marcar um gol; a onipresença em campo; e uma incrivel regularidade de atuações, todas acima da média.

Ademir da Guia não tem paralelo. Transformá-lo em estátua nos jardins do Parque Antártica não será uma deferência especial da diretoria do clube Será, mais do que isso, uma homenagem indispensá vel para que as gerações futuras — palmeirenses ou não — saubam o que ele representou como atleta exemplar.

"TRANSFORMÁ-LO
EM ESTÁTUA NOS
JARDINS DO PARQUE
ANTÁRTICA NÃO SERÁ
UMA DEFERÊNCIA
ESPECIAL DA
DIRETORIA DO CLUBE.
SERÁ UMA
HOMENAGEM
INDISPENSÁVEL PARA
QUE AS GERAÇÕES
FUTURAS SAIBAM
O QUE ELE
REPRESENTOU"



O TITULO PAULIETA FERCIDO naquele ano fol muito lamentado pelos palme renses. O time mostrou um grance futebor em campo, mas acabaria derrotado pelo adiamento das finais conseguido por Vicente Matheus na Justiça.

VERDÃO MARAVILHA

O Palme ras já esta class ficado para as fina s do Paulistão-79. Mais que isso, está jogando um futebol que lembra a melhor fase do nosso futebol. Alegre, moleque rápido, insinuante e cheio de garra lo time de Telê parte pra cima e faz gols em cima de gols, pintando como campeão >> POR JOSÉ MARIA DE AQUINO

im do jogo, um grito de alegria corret, pelas rampas do Monumbi: é campeão, é campeão... Cartolas e torcedores invadiram o vestiario e, num canto, como bom macaco ve.ho, sorriso maroto no canto da boca, mão esquerda espremendo uma espinha imaginária, Telê Santana, o maestro da orquestra sem medalhões, agarrou-se a um galho verde.

— É, foi mesmo ama grande exibição. Mas isso não quer d zer que já somos campeões. Ainda temos um bom caminho pela frente.

Deixou que todos se esfriassem um pouco e logo depois, confiante e sem rodeios, disse mais ou menos o que eles queriam ouvir.

 De qualquer forma, se tudo continuar assim, dificilmente deixaremos de chegar ao titulo.

Em poucas palavras, tudo verdade Se o futebol não tivesse também sua parte ilógica, aquela que matreiramente costurna pregar boas peças nos bichos-papões, coisa que Telê conhece bem, e também ele, depois do que todos viram seu time fazer na goleada contra o Santos, poderia, tranquilamente, ter entrado no animado cordão.

Mas Telé, inteligente, preferiu ver as coisas no seu todo. Ver, por exemplo, que se o Palmeiras fez cinco gols — e podería ter chegado aos sete —, o Santos, não fosse a tarde de graça do goleiro Gilmar, também podería ter feito una três ou quatro gols. E sentir, exatamente, por que o Santos não foi uma carne assada, que seu time — que já é finalista — tem tudo para chegar ao título, devendo apenas aguardara melhor hora para botar seu bloco na rua.

Enem se pense que o Santos só teve chances de ir além do golzinho marcado por Juari, fazendo Gilmar deixar o campo carregando os prêmios dados ao melhor do jogo, que o Palmeiras em algum momento mostrou-se um time falho ou deixou de ser massacrante, preciso e maravilhoso, como já tinha sido contra o Guarani, uma semana antes.

Po sé exatamente neste e em outros detalhes que a torcida pode se agarrar para declarar o Verdão como sério candidato ao caneco. Na segurança de Gilmar sempre pronto para grandes defesas quando a bola chega até ele; na seriedade da zaga, que se dá ao luxo de ter um Silva no banco; no trabalho equilibrado do meio-campo, onde Pires e Mococa são dois pequenos demônios, ena habilidade do ataque, onde até Jorge Mendonça, único cartaz, tem dado exemplo de humildade.

O Palmeiras não goleou porque o Santos jogou mal. Longe disso. Foi um jogão de bola, provavelmente o melhor desse conturbado campeonato, mostrando, mais uma vez, que apesar dos cartolas, da terrível tabela, o futebol ainda consegue ir se salvando.

O Palmeiras goleou — e pode chegarao título — porque jogou sem firulas. Porque correu sempre pelo caminho que leva ao gol e porque — aleluia, aleluia! - redescobriu que o grande segredo do futebol ainda continua sendo a simplicidade.

"O TIME DE TELÊ —
QUE JÁ É FINALISTA —
TEM TUDO PARA
CHEGAR AO TÍTULO,
DEVENDO APENAS
AGUARDAR A MELHOR
HORA PARA BOTAR
SEU BLOCO NA RUA"

18/11/79 MORUMBI (SÃO PAULO) PALMEIRAS 5 X 1 SANTOS

J: Uliases Tavares da Silva Filho; R: Cr\$ 2 980 350, P: 45 645 G: Poiozzi 2, Carios Alberto 45 do 1° Juan 14, César 15, Jergunho 29 e 39 do 2°; E: Mocoba e Allton Lira

PAL MEIRAS: Gilmar, Rosemiro, Beto Fuscão, Polozzi e Pedrinho, Pires, Mocoda e Jorge Mendonça; Jorginho, Carlos Alberto Seixas (César) e Baroninho (Nei). T: Jeià Santana

SANTOS: País, Néison, Cassiá, Fernando e Gilberto, Gilberto Costa, Rubens Peljão "Ajiton Lira» e Pita: Nilton Batata, Juan e João Paulo, T: Pepe



ULTITUA RODADA DA "FASE FINAL" DO BRASILEIRO. O Palme ras jogava pelo empate para chegar às semifinals.
Jogando em casa, tricampeão estadual, o Flamengo estava confiante na vitória que o classificaria. Al.

PALMEIRAS

5 x 1 no Santos; 5 x 1 na Lusa; 5 x 1 no Comercia; 4 x 0 no São Bento; 4 x 1 no Mengo; cuidado, Inter, lá vem bala!

>> POR MARCELO REZENDE

agora, irmão, estou tremendo de medo do Maracanã, né mesmo, Mococa (Jorge Mendonça)?

— Até que para um bando de medrosos nos saímos direitinho com esses 4 x 1 no Flamengo, né mesmo, Mendonça (Pires)?

— Olha como estou tremendo no Maracanã — tremendo de alegria. Você está tremendo, Pires (Mococa)?

OTrio Negro do Palmeiras — Pires, Mococa e Mendonça está d.ante do espelho do vestiário do Maracanã. Os três ultimos dão os retoques na roupa simples, tão simples como o futebol que liquidou, momentos antes, a banca do Mengao tricampeão.

Cercados de torcedores, jornalistas e dirigentes, todos à procura de autógrafos e camisas, Mococa, ex-juvenil posto à venda, há um ano e meio mais ou menos, por 500 mil cruzeiros, sem conseguir comprador; Jorge Mendonça, o rebelde, o temperamental que entrou na linha com Telé Santana; e Pires, promessa de craque por muito tempo e agora "chefe de area do Verdão", falam com simplicidade — a mesma simplicidade com que executam penetrações precisas, dão passes na medida, dominam o adversário.

Simplicidade de quem, em campo, fez parte de um time

que surpreendeu o Rio de Janeiro — um Palmeiras praticando toda a teoria de Cláudio Coutinho, o técnico da equipe adversária. Não só pela goleada de 4 x 1, porque poderia ser de mais (quem não se lembra de César, ainda no primeiro tempo, livre diante do gol vazio e chutando no travessão?), mas pela execução de diversas tramas ensaiadas.

Três responsáveis por esse futebol são justamente aqueles três crioulos do meio-campo: um Pires corajoso, forte nas divididas, lutador; um Mococa que estreou no Maracanâ mostrando técnica aliada à fúria e até violência, um garoto que em momento algum se intimida; e um Jorge Mendonça c.ássico, passadas e dribles elegantes, a se desvencilhar dos adversários e, como dado novo, dividindo todas no meio-campo, sem medo de colocar a perna

Os três mandaram no Maracanã. E agora, no vestiário, são os heróis. Um deles, Jorge Mendonça, cabelo black, jeito manhoso, fala escorregadia, está capengando, sente muitas dores na perna:

- Torci o joelho sozinho.

Que nada — levou uma botinada de Dequinha, mas prefere silenciar. Afinal, aprendeu com Telê que reclamar pouco adianta — o negócio é chegar junto dividir, porque "dividida é terra de ninguém". Eganitando todos os lances, levando o Palmeiras para a área do Flamengo, Mendonça fez o primeiro gol, num deslocamento de César pela esquerda — entrou pela direita e tocou livre. Zico ainda empatou, de pênalti, para infelicidade do Flamengo. Pois o go. despertou o Palmeiras, que, apesar da vantagem de jogar pelo empate, partiu para mais três gols.

Mas como esses garotos, rostos chelos de espinhas, comandados por aquele lourinho Pedrinho, um lateral-esquerdo com cara de bebê, podem ser tão ousados para enfrentar o Flamengo tricampeão em pleno Maracanã?

Tudo aparência: os meninos, na verdade, são homens
feitos, calmos, sabem esperar o
momento certo para dar o bote
final. Até fazem lembrar a
aquela antiga Academia do
Palmeiras, de contra-ataques
mortais, de toque cadenciado,
calculado, tramado — e gol.

Pelo menos o Rio de Janeiro ficou surpreso com um Palmeiras quefez linha de passe dentro da área do Flamengo

E no fim, o técnico Cláudio Coutinho reconhecia tamanha superioridade:

Mereceram a vitória.
 Claro que ficamos em desvantagem porque o Júnior se machucou, mas o Palmeiras mostrou pinta de campeão brasileiro.

"COMO ESSES
GAROTOS, ROSTOS
CHEIOS DE ESPINHAS,
COMANDADOS POR
AQUELE LOURINHO
PEDRINHO, UM
LATERAL-ESQUERDO
COM CARA DE BEBÊ,
PODEM SER TAO
OUSADOS PARA
ENFRENTAR O
FLAMENGO
TRICAMPEÃO EM
PLENO MARACANÃ?"

9/12/79 MARACANĂ (RIO DE JANEIRO)

FLAMENGO 1 X 4 PALMEIRAS

J: Carlos Sergio Rosa Martins (RS); R: Cr\$ 8 227 830, P: 112 047; G: Jorge Mandonça 11 do 1º, 7ico (pënaiti, 9. Carlos Alberto 24, Pedrinho 31 e Zé Mário 45 do 2º €: Beijoca FLAMENGO: Cantarele, Toninho, Manguito, Dequinha e Jüntor, Paulo César Carpegiani, Adilio (Beijoca) e Zico; Reinaldo (Carlos Henrique), Cláudio Adão e Tita.

T: Cláudio Coutinho
PAL MEIRAS: G. mar, Rosemiro, Beto
Puscão Polozzi e Pedrinho, Pires, Mococa
e Jorge Mendonça, Jorginho (Carlos Alberto
Seixas), César (Zé Mário) e Baromaho.
T: Telê Sanrana



A UITORIA SOBRE O GUARANI, num Parque Antartica lotado (até hoje os 33 803 pagantes não foram superados em Bras teirões), foi comemorada como um título. Tirou o time da incômeda segundona e o levou às finais da Taça de Ouro daquete mesmo ano

É GAMPEÃO, SIM!

Campeão do grupo mais forte da Taça de Prata, do único grupo com campeões brasileiros. Campeão também do otimismo que a vitória diante do Guarani fez renascer. E campeão, principa mente, pela autoconfiança readquirida.

POR MAURÍCIO CARDOSO

campeão, é campeão." Nas superlotadas arquibancadas do Parque Antártica a frenetica torcida palmeirenseberrava com todas as suas forças. No gramado jogadores se abraçavam emocionados, choravam alguns, outros faziam candentes decla rações ao primeiro microfone, e na falta de uma volta olímpica tiravam as camisas e agradecidos as jogavam para a massa que continuava em seu delírio: "É campeão, é campeão".

Mas campeão de quê?, poderia perguntar alguém que quisesse se ater simplesmente aos fatos. Na verdade, a partida que se acabara de jogar tinha todas as características de uma final - jogo disputado do primeiro ao último minuto com muita garra, nervosismo ganhando de classe, alguma violência, tumultos, 11 expulsões, suspense, tudo de uma final - mas não era uma final de campeonato. O cenário também era adequado para uma conquista palmeirense: afinal, foi nesse mesmo Parque Antartica que em 18 de agosto de 1976 o Palmeiras conquistou seu último título, campeão paulista, ao vencer o XV de Piracicaba por 1 x 0. Mas não havia nenhum título em disputa. O Palmeiras também se deu ares de campeão, ao vencer o Guaraní por 2 x 0 jogando com personalidade, se impondo pela garra e pela técnica, de acordo com a necessidade, mas não era mais que um mero vencedor de grupo de Taça de Prata. Campeão de quê?

Naquele momento, se conseguisse parar de delirar, qualquer palmeirense haveria de responder que o Palmeiras era o mais lídimo campeão de si mesmo. O Palmeiras acabava de se reconquistar. "Voltamos a ser grandes", declarava o exultante Romeu e repetiam seus companheiros. "Acabou o sufoco. Agora teremos mais tranquilidade para crescer", se aliviava o técnico Dudu.

O retorno à Taça de Ouro, ao convivio dos grandes, foi um reencontro do Palmeiras consigo mesmo. O renascimento do Palmeiras 18 vezes campeão, campeão do Rio-São Paulo, campeão da extinta Taça de Prata, bicampeão brasileiro.

Foi o reencontro do Palmeiras com sua torcida. Ela, que passou o ano de 1980 mal com seu time, reso.veu dar-lhe um crédito em 1981 e se constituiu no grande sucesso de rendas do atual Campeonato Brasileiro. Uma torcida que se transfor-

mou e provocou uma transformação no comportamento do próprio time. Há alguns anos, dizendo-se enfastiada detantas conquistas, ela se tornou fria e indiferente. Hoje, curtida por infindáveis crises, está vencendo a competição da paixão e da vibração, apoiando o time em qualquer circunstância, comparecendo ao estadio mesmo quando a esperança é pouca e o retrospecto não recomenda.

Esse estado de espírito passou também para dentro do gramado. "Já não há mais lugar para velhas academias", diz o técnico Dudu. "Podemos não ser superiores tecnicamente, mas temos de superar a todos em luta e dedicação Podemos até perder, mas jamais podemos nos entregar."

Mas a vitória do Palmeiras sobre ó Guarani marcou também seu reencontro com um craque. Ou Sena não écraque? Pelo menos na noite de quarta-feira ele portou-se como tal, deixando a marca degênio em lances decisivos da partida, e marcando os dois gols. Jorge Mendonça, atualmente no Guarani se omitia totalmente da partida. Um craque, sem dúvida, mas que não tem lugar no novo e aguerrido Palmeiras.

"O RETORNO
À TAÇA DE OURO,
AO CONVÍVIO DOS
GRANDES, FOI UM
REENCONTRO
DO PALMEIRAS
CONSIGO MESMO"

25/2/81 PQ. ANTÁRTICA (SÃO PAULO) PALMEIRAS 2 X O GJARANI

J' Du cidio Vanderiei Bosch illa: R: Cr\$ 3 710 600; P: 33 863; G: Sena l.1 e 31 do 2º; CA: Darinta, Famer e Lúcio; E: Édson 31, Jorge Mendonça, Marquinhos e Vitor Hilgo 39 e Careca 41 do 2º

PALMEIRAS: Loão Marcos Benazzi, Marquinhos, Darinta e vaime Bôni, Vitor Hugo, Sena e Ceño; Osni, Paulinho e Baroninho (Romeu). T: Dodu GUARANI: Balgui, Miranda, Édson Magalhães, Édson e Ameida; Edmar (Paulo

Magathães, Edson e Ameida; Edmar (Poul César), Ângelo e Jorge Mendonça; "úcio, Careca e Capitão (Da Costa). **T:** Zé Duarte





O PALMEIRAS FOI MAL no Campeonato Brasileiro de 1985, mas uma partida ficou marcada na historia lo empate em quatro gois no Pacaembu, consegu do no último minuto e depois de Careca perder um pânalti

90 MINUTOS SÓ DE EMOÇÃO

Um jogão do começo ao fim: dois pênaltis perdidos, um golaço de Pita e o empate no último instante

obra de Jorge Amado, a musica da Sinfônica de Campinas e da família Caymmi, devidamente acompanhada por Caetano Veloso, um golaço de Pita e as emoções de um empate cheio de reviravoltas com o Palmeiras foram manifestações artísticas que Cilinho poe na mesma conta para concluir que passou um sábado maravilhoso. "O jogo São Paulo 4 x 4 Palmeiras foi algo comparável ao show em homenagem a Jorge Amado a que fui assistir após a partida", sintetizava o eclético técnico são-paulino já na manhã de domingo, um pouco antes de dar um passeio pela feira de antigüidades do Museu de Arte de São Paulo, ao lado de dona Cila, sua mulher

Cilinho estava tranquilo e diferente satisfeito, bem deixou daquele que Pacaembu correndo, dando a entender que estava arrasado com a perda de um pênalti por Careca aos 43 minutos do segundo tempo e com o milagroso gol conseguido pelos palmeirenses aos 45. "Só saí rapidamente porque tinha de encontrar minha mulher para irmos ao show. Quanto ao pênalti, só perde quem cobra. Por isso é que esse tal de futebol carrega tanta emoção."

É claro que Cilinho queria a vitória, mas ele preferia lembrar a boa partida de seus garotos. "É precisa que se de um pouco mais de cancha a eles. Basta ter paciência e esperar que se acostumem com a emoção dos grandes espetáculos"

Entre os jogadores, ainda no vestiário, nem todos entendiam como era possível ter cedido o empate no final. Oscar, que fez um gol e mandou uma bola na trave de Leão, não se conformava em ter levado 27 gols em 13 jogos. "Isso nunca aconteceu na minha carreira. E o azar neste sábado? Quando Careca correu para bater o pênalti, eu achei que o jogo estava liquidado."

Até a torcida do Palmeiras, que já havia começado a abandonar as arquibancadas quando o São Paulo fez 3 x 1 e voltou quando o time empatou, também perdeu a esperança. Foi embora de novo, para de novo voltar quando o Palmeiras chegou aos 4 x 4, logo em seguida ao pênalti perdido por Careca. Foi um empate que fez a alegria do diretor de futebol Aldo di Mauro, obrigado a ver o jogo das arquibancadas, pois está suspenso. Descendo para o vestiáno, ela ainda parou para ver

Careca bater o pênalti. Nem se emocionou quando a bola bateu no travessão. Mas quando o Palmeiras empatou, ele esqueceu a crise que se instalou no Parque Antártica.

Os 4 x 4 acabaram sendo comemorados. O Palmeiras esteve sempre atrás no marcador. Por isso, animado, o lateral Ditinho, que fez o gol de empate no último minuto de jogo, garantiu "Já que somos um time grande, nós mesmos temos de dar um jeito de sair dessa crise. E vamos sair."

O meia Mendonça também acha que novos ares soprarão no Parque Antártica, embora ninguém espere mais nada nesta Taça de Ouro: "A sorte está de volta. Eu mesmo tive sorte. Quando cobrei a falta no terceiro gol, a bola bateu na barreira e voltou ao meu pé. Para melhorar as coisas, a barreira ainda abriu."

O técnico Mário Travaglini ficou eufórico. "Foi um jogo histórico, que marcou a retomada do futebol-arte. Não houve uma única jogada desleal", vibrava. "Eu fui correndo para casa, louco para ver o teipe Foi mesmo um show" Cilinho concordava com o técnico do Palmeiras. "Foi forade-série."

"O TÉCNICO MÁRIO TRAVAGLINI FICOU EUFÓRICO. 'FOI UM JOGO HISTÓRICO, QUE MARCOU A RETOMADA DO FUTEBOL-ARTE. NÃO HOUVE UMA ÚNICA JOGADA DESLEAL"

16/3/85 PACAEMBU (SÃO PAULO)

SÃO PAULO 4 X 4 PALMEIRAS

J: tuís Carlos Antunes; R: Cr3 107 016 000

P: 22 103, G: Pita 11, Jorginho 40 e Multer
45 do 1º Careca (pênatti) 3 Mendonça 17
e 20, Oscar 28 e Ditinho 45 do 2º; CA:
Fonseca Ditinho, Rocha, Vágner-e Leão
SÃO PAULO: Barbirotto. Éder Tolno,
Oscar, Ponseca e Nelsinho; Márcio Araújo.
Silas (Vízolii) e Pita; Miller, Careca e Sídnes
T: Cilinho

PAL METRAS: "eão, Ditunho, Maxwell, Vágner e Paulo Roberto; Rocha, Paulinho (Gilcimar) e Mendonga; Barbosa, Reina do (Helio) e Jorginho. T: Mário Travagí ni



A HISTORICA GOLEACA abriu caminho para o Verdão, que nas sem finais voltar a a enfrentar e derrotar o rival, antes da amarga decisão contra a Inter de Limeira

SURGE O

A máquina palmeirense goleia o Corinthians por 5 x 1 e mostra jogo para encerrar o jejum de títulos

>> POR JOÃO CARLOS RODRIGUES E NELSON URT

s palmeirenses pareciam não acreditar no que viam. Até os centroavantes Edmar e Mirandinna, inimigos declarados por causa da disputa pela camisa 9, saíram de mãos dadas para comemorar o quarto gol O capitão Nicoli, implacáve, corneteiro, distribuía elogios em vez das costumeiras rabugices. "Parabéns, menino, pelo segundo gol", dirigia-se a Edu. "Você pôs o pé na forma." Ao final da goleada de 5 x 1 sobre o Corinthians, no último domingo, 3. no Morumbi, tudo era lucro para o Palmeiras. O time. enfim, mostrava ao mais exigente de seus torcedores que, finalmente, está preparado para voltar a ser campeão.

Restam-lhe ainda três jogos. Mas, ao somar 43 pontos e manter-se como vice-lider do segundo turno e da colocação geral, só um desastre irá afastálo do quadrangular decisivo do Campeonato Paulista.

No Morumbi, a humilhação corintiana poderia ter sido maior, se dependesse da vontade do zagueiro Vágner. "Eu queria que metêssemos uns dez", contou o capitão alviverde. "Só pedi para o time não dar olé porque isso é desprezo ao adver-

sário." No início do ano, ele quase foi para o Corinthians. Seria uma forma de atender ao apelo do seu amigo Rubens Minelli, "Dou-lhe nota 10.5". ditava o treinador corintiano sem esconder seu apreco por Vágner. E não havia exagero Com uma bela cabecada, aprovertando um cruzamento de Éder, quando o jogo ainda não tinha 2 minutos, ele deu ogolpe inicial para abrir a guarda do adversário. A seguir, comandou a defesa e a ajudou a aliviar os momentos de sufoco.

Há determinação em suas atuações. Depois de tirar o Corinthians do pensamento. Vágner reformou o contrato com o Palmeiras. Aí passou a pensar firmemente em não sair antes de dar ao clube o título perseguido há dez anos. No entanto, é um sujeito ponderado, "Essa goleada não pode subir à cabeça", ensina. "Não nos devemos esquecer da amarga experiência do ano passado, quando o XV de Jaú nos tirou da final", lembra, já vacinado contra elogios fáceis, Mulato de bigodes grossos, o "Bacharel" - apelido que ganhou depois de tanto usá lo para tratar os outros — recebeu também quase todos os prêmios de melhor em campo. "Mostramos um poder de reacão incomum", exultava.

Um dos riscos de Carbone foi colidir com o intocável Émerson Leão, sacado por ele do time após a derrota de 1 x 0 para o São Bento no ú timo dia 20 de julho. Ele apostou em Martorelli, que passou metade dos seus 24 anos no Parque Antártica, "Você é um técnico de coragem ', dizia-lhe um corneteiro. "Agora já podemos vender Leão", aconselhava.

Martorelli, até há pouco tempo alvo de desconfianças, só andou irritado com a presença do pai. É que o velho palestrino Antônio, mesmo adoentado, não deixou de ir ao Morumbi, "Eu não falei para o senhor ficar em casa?", ralhou o goleiro. "Eu não podia faitar no seu grande dia", respondia "seu" Antônio, com um sorriso que la até a nuca, Martorelli, enfim, acabou dando razão ao pal. "Há tempos me sinto em condições de sertitular, mesmo que, para isso, tivesse de barrar Leão", comemorava.

"Demos muito espaço para eles", lamentava Carlos, Para o Palmeiras, ao contrário, cada gol servira para enriquecer a história desse grande duelo.

"UM DOS RISCOS DE CARBONE FOI COLIDIR COM O INTOCÁVEL ÉMERSON LEÃO. **ELE APOSTOU EM** MARTORELLI, QUE PASSOU METADE DOS **SEUS 24 ANOS NO** PARQUE ANTÁRTICA"

3/8/86 MORUMBI (SÃO PAULO)

PALMEIRAS 5 X 1 CORINTHIANS J: Dureldio Vandertei Boschillia, R: Cz\$ 1 643 340; P: 55 641; G: Vágner 1 e Edu Manga 31 do 1º; Edmar 11, Mirandinha 31, Edmar 44 e Casagrande 45 do 2º-E: Paulo e Wilson Mano

PALMEIRAS: Marterei . Diogo, Márcio, vágnez e Denys, Lino, Mendonça e Edu Manga: Edmar, Mirandinha e Eder T: Carhone

CORINTH ANS: Carlos, Edson, Paulo, Edivaldo e Jacenir, Wilson Mano, Luis Fernando e Casagrande; Cristóvão (Pinelia), Lima e João Paulo, T: Rubens Mine.



O LONGO JEJUM terminaria da melhor forma possível, na noite de 12 de junho; com uma goleada incontestave, sobre o Corinthians na decisão paulista

QUE DELÍRIO: GANHAR UM TÍTULO SOBRE O CORINTHIANS E POR GOLEADA

Era de uma conquista assim, vencida assim, que o Palmeiras precisava para se livrar do fardo de 16 anos sem título

omeço de noite de sábado, 12 de junho. A torcida palmeirense agita suas bandeiras, e canta, e chora, e ri, e pula, e grita: "É campeão, é campeão!" Ela está leve e redimida, depois de sofrer humlhações continuas durante seu longo jejum de faixas e canecos. Tudo isso acabou, virou pó, coisa de nada. Só o que vale e importa é festejar a dulcíssima conquista desse 19º título paulista da história do clube. No gramado, a mesma festa, as mesmas lágrimas, a mesma explosão incontida de felicidade. Mazinho dá um abraco de tirar fôlego em Roberto Carlos Antônio Carlos ergue o troféu com lágrimas nos olhos. César Sampato não consegue parar de rir. Edmundo corre de um lado para o outro, parecendo fugir da marcação de beques invisíveis. Sempre que encontra um microfone à sua frente, desabafa: "Futebol se ganha é dentro de campo, e não falando."

Como Edmundo e a torcida, todos os jogadores também se sentem redimidos. A semana foi de cão, lendo e ouvindo os comotianos dando-os como mortos e sepultados depois da derrota de 1 x 0 na primeira

partida das finais, seis dias antes. Por isso, toda essa alegria desvairada. Por isso, toda aquela garra e gana de vencer mos tradas durante a partida final contra o Corinth. Ans, que culminou na saborosa goleada de 4 x 0 e em mais um título estadual. Era de uma conquista assim que o Palmeiras precisava para se livrar do fardo de 16 anos sem título.

Discussões pela cidade, os palmeirenses eram considerados incapazes de reverter a situação criada pela derrota de 1 x 0. O fato de o centroavante Viola ter comemorado o gol daquela vitória imitando um porco também ajudou a atiçar o fogo do amor-próprio na alma palmeirense.

E o coração da torcida não se enganara. Pois só deu mesmo Palmeiras. Enquanto Evair, Edmundo e Edílson faziam a defesa do Corinthians bater cabeça com lances rápidos e de habilidade, César Sampaio, Zinho e Daniel imperavam soberanos no meio-campo. O primeiro gol (Zinho, aos 37) até que demorou muito, tal o domínio que o Palmeiras exercia por todo o gramado. Dois minutos depois, Henrique era

expulso por entrar deslealmente em Edílson, tomando amda mais difícil qualquer reação.

No segundo tempo, nada mudou. O Palmeiras atacava em ondas, o Corinthians resistia como podia. Aos 16, Edmundo e lançado em velocidade. O goleiro Ronaldo abandona sua área e derruba-o de forma grotesca na intermediária. Como já levara cartão amarelo, só restou ao árbitro expulsá-lo também.

Aos 29, o golpe de misericórdia: Evair marca o segundo gol aproveitando um passe açucarado de Mazinho. O Palmeiras revertera o quadro e agora dependia somente de um empate na prorrogação para chegar ao título. O ataque do Parque Antártica ainda faria um terceiro gol, com Edílson aproveitando o rebote de um chute de Evair na trave.

Aos 9, Edmundo ganha uma disputa de bola dentro da área com Ricardo, dribla e é derrubado. Pêna.ti. Indiscutível Ezequiel reclama e ganha um cartão vermelho. Evair bate com a categoria de sempre. É o gol da redenção. É o grito comovente de campeão. De Palmeiras campeão, campeão.

"ENQUANTO EVAIR, EDMUNDO E EDÍLSON FAZIAM A DEFESA DO CORINTHIANS BATER CABEÇA COM LANCES RÁPIDOS E DE HABILIDADE, CÉSAR SAMPAIO, ZINHO E DANIEL IMPERAVAM SOBERANOS NO MEIO-CAMPO"

12/6/93 MORUMBI (SÃO PAULO)

PALMEJRAS 4 X 0 COR NTH/ANS
J: José Aparacido de Oliveira; R: Cr\$ 18
154 900 000, P: 104 401, G: Zinho 36 do
1º Evair 28, Edison 38 do 2º; Evair (pênalti)
10 do 1º tempo da prerrogação
E: Henrique, Rorardo, Tonhão, Ezequie.
PALMEJRAS: Sérgio, Mazinho, Antônio
Carlos, Tonhão e Roberto Carlos; César
Samparo, Daniel, Edison (Jean Carlo)
e Z nho; Edmando e Evair
T: Wandertey "uxemburgo
CORINTHIANS: Ronaldo: Leandro,
Marceiro, Menrique e Ricardo; Ezequiel,
Marceiro, Menrique e Ricardo; Ezequiel,
Marceiro, Henrique e Ricardo; Ezequiel,
Marceiro, Hopos Wilson): Vioia e Neto.

T: Nelsinho Baphsta



O TORITETO RIO-SÃO FAULO voitou a ser disputado após 27 anos. A final foi um repeteco do Paul stão de aigumas semanas antes

DOSE DUPLA DE

Mesmo com seus craques na Seleção, o Verdão ganhou seu segundo título do ano em cima do Corinth ans

ssim que o juiz mineiro Márcio Rezende de Freitas terminou a partida entre Palmeiras e Corinthians, na final do Tornejo Rio-São Paulo, o volante Amaral correu para o orelhão localizado atrás do gol de entrada do Pacaembu, tirou o telefone do gancho e discou para a casa do pai. "Só liguer para gritar campeão", disse eufórico. A alegria do craque palmeirense refletia o sentimento de toda a torcida: não importavam as críticas feitas à CBF pela desorganizada recriacão do torneio, e sim o grito de campeão que ecoava.

O empate em 0 x 0, é verdade, não lembrava os inesquecíveis 4 x 0 aplicados sobre o mesmo Corinthians na final do Paulista, mas assegurava, apenas 56 dias depois, o segundo título alviverde da fase pósjejum. E tinha um sabor especial. Afinal, em vez de Evair, Antônio Carlos e os outros cobras da "máquina" do início do ano, a vitória dessa vez fora assegurada por heróis como Ciáudio, Tonhão, Alexandre Rosa e Maurílio, tratados com desprezo pelos rivais.

"Provamos mais uma vez nossa categoria", gritava um empolgado Tonhão, depois do resultado que garantiu a conquista. Azar do Corinthians, que, reforçado pelo quarteto Válber, Leto, Rivaldo e Admílson, na época recémcontratados ao Mogi-Mirim, tornou-se a sensação da primeira fase e favorito absoluto até as finais contra o Palme.ras.

Foi aí que funcionou a estrela do técnico Wanderley Luxemburgo. Quando todos imaginavam que o time tentaria segurar um empate no primeiro jogo da decisão, explorando apenas os contra-ataques, Luxemburgo colocou a equipe no ataque, Para melhorar, o atacante Edmundo estava em noite de gala e, com uma atuação brilhante, marcou os dois gols da vitória de 2 x 0, que deu a vantagem do empate ao Verdão na segunda partida.

Aí, a receita mudou. Como Edmundo também desfalcaria o time nor ter sido expulso no primeiro jogo, a equipe fechouse na defesa e passou os 90 minutos aliviando o perigo de sua área. "É a mínha afirmação definitiva", alegrava-se o volante Amaral. O mais eufórico, no entanto, era o lateraldireito Cláudio. Na comemoração, chegou a jogar todo o uniforme para a torcida. Depois, ao dar-se conta do que havia feito, deixou o gramado envergonhado por trajar apenas uma sunga. Tudo era váli~ do, porém, para comemorar a volta do Verdão ao restrito grupo dos clubes campeões.

"O JOGO FOI UMA
LOUCURA, AO QUAL
NÃO FALTARAM
LANCES DE
HEROÍSMO. NUM JOGO
ASSIM, O DONO DA
CASA GERALMENTE
LEVA VANTAGEM"

7/8/93 PACAEMBU (SÃO PAULO)

PALMEIRAS D X D CORINTHIANS

J: Mácro Rezende de Freitas (MG)*
R: Crs 9 814 350* P: 28 363. CA: Luís
Carlos Winck, Admilson, Rivaldo, Flávio
Conceição, Roberto Carlos e Sérgio
PALMEIRAS: Sérgio, Cláudio, Tonhão,
Arexandre Rosa e Roberto Carlos: César
Sampaio, Flávio Conceição (Paulo Sergio),
Amaral e uean Carlo, Maurilio e Edison.
T: Wanderley Luxemburgo
CORINTHIANS: Ronaldo, tuís Carlos
Winck (Leandro Síva), Marcelinho, Ezequiel
e Admilson (Bobő); Marcelinho, Ezequiel
e Válber; Lefo, Viola e Rivaldo.

T: Nejsinho Baptista



O TIMAÇO QUE A PARMALAT montou para o Palmeiras começou a dar frutos naquele ano: campeão paulista, do Rio São Paulo, e, no fim do ano, campeão brasileiro. Um ano mesquecivei para guem ficou 16 anos na fila

AGORA, TÓQUIO

Com bom futebo e muita organização fora de campo, o Verdão papou o terceiro caneco do ano e promete vôos ainda mais altos em 1994. Como o Mundial Interclubes

Im da decisão entre Pa.meiras e Vitória, no Morumbi. Os jogadores do Verdão fazem a festa. Correndo de um lado para outro, trocam abraços, pulam e gritam. Afastado dos outros, o meio-campista Mazinho dá, solitario, ıma volta olimpica particular. Gira sua camisa 8 na mão direita. A alegria de seu sorriso contrasta com seus olhos lacrimeiantes, enquanto grita insistentemente: "Se dependesse de minha felicidade, daria umas dez voltas seguidas pelo campo.' Como ele, mais de 88 mil pessoas exibiam o mesmo riso largo e os olhos igualmente marejados de lágrimas em todas as dependên cias do estádio.

Pe.a primeira vez nos tiltimos 20 anos, os torcedores vestidos de verde e branco podiam gritar que seu time era o melhor do país. É todos desfilavam orgulhosamente, levando no peito uma faixa de tricampeão. Uniam o título de 1993 aos de 1972 e 1973, conquistados pelo esquadrão liderado pelo eterno Ademir da Guia. Para completar, espalhavam pelas ruas da cidade de São Paulo um novo grito de guerra. "Festa no chiqueiro/É Paulistão, Rio-São Paulo e Brasileiro!", cantavam em coro os torcedores alviverdes, divertindose com os três títulos conquistados pelo time em 1993.

A euforia, aquela altura, permitia até alguns exageros. "Esse time é um zoológico", gritava um torcedor, explicando em seguida: "Só tem animal!" O time palmeirense é, de fato, de altissima qua lidade. Não foi à toa, portanto, o duplo triunfo contra o Vitória na decisão, quando venceu por 1 x 0 na Fonte Nova e confirmou o título com os 2 x 0 do Morumbi. Nem foi à toa também a equipe acabar como o melhor ataque da competição, com 40 gols em 22 partidas - média de 1,81 gol por logo. "Isso é so o resultado de um bom trabalho, criado pelo Palmeiras e pela Parmalat", elogiava o meia Zinho, um dos líderes do elenco.

Mas, alemdeum belo elenco — talvez o mais forte do futebol brasileiro no final do ano passado —, o Verdão de 1993 foi um grupo que teve amor à camisa em doses generosas. Isso ficou nítido mais uma vez nos vestiários, após a conquista do título brasileiro, quando os titulares e reservas puxaram

coros idénticos aos cantados nas arquibancadas. Não faltou seguer o tradicional banho de champanhe, outrora exclusividade são-paulina, "Pedi à diretoria para comprar a bebida", contava o zagueiro Antônio Carlos, Minutos antes, o zagueiro — pivô da maior crise da campanha por se envolver numa discussão com Edmundo - corria pelo campo abracado com o antigo desafeto. "A briga não foi boa, mas serviu para unir o elenco", afirmava Antônio Carlos, "E foi um dos fatores primordiais para o título." Outra prova de união da equipe foi dada pelo centroavante Evair, que comemorou seu gel, o primeiro do triunfo sobre o Vitória, abraçado ao goleiro Sérgio. "Na hora da decisão, parece que a bola me procura", alegrava-se, aludindo também aos dois gols marcados na final do Paulista.

Outra repetição da final do Paulistão foi a utilização das meias brancas, recomendação do vidente Robério de Ogum, amigo do técnico Vanderley Luxemburgo. Sob a alegação de que clas trazem sorte, foram utilizadas nas finais tanto do Paulistão como do Rio-São Paulo e do Brasileirão.

"OUTRA REPETIÇÃO DA FINAL DO PAULISTÃO FOI A UTILIZAÇÃO DAS MEIAS BRANCAS, RECOMENDAÇÃO DO VIDENTE ROBÉRIO DE OGUM, AMIGO DE LUXEMBURGO"

19/12/93 MORUMB. (SÃO PAULO)

PALMEIRAS 2 X D VITORIA

J: Márcio Rezende de Freitas (MG), R: Cr\$ 169 028 500, P: 88 644, G: Evair 4 e Edmundo 23 de 1º, CA: Gil Sergipano, Rodrigo, cuão Marcelo e Renato Martins E: China 9 de 2º

PALMEIRAS: Sérgio, G. Bajano, Antônio Carlos, Cléber (Tonhão) e Roberto Carlos; César Sampaio, Mazinho, Zinho e Edilson, Edmundo e Evair (Sorato). T: Vanderley Luxemburgo

VITÓRIA. Dida, Rodrigo, João Marcelo, China e Renato Martins; Gil Serg pano, Roberto Cavalo e Paulo Isidoro, Alex Alves, Claudinho e Giurano (Fabinho, depois Evandro). T: Fito Neves



O TIME DE UANDERLES LUXEMEUREO era tão bom que o técnico se deu ao uxo de barrar Edmundo por indisciplina durante a maior parte da campanha. Com pontos corridos, deu Verdão, seis pontos à frente.

CONQUISTA COM TODO

A volta do sistema de pontos corridos fez a justiça prevalecer no futebol paulista e deu ao Verdão o segundo bi de sua história

epois que o Palmeiras venceu o Ituano por 1 x 0, o centroavante Evair disparou pelo gramado do Parque Antártica feito am menino, mãos erguidas para o céu como se já fosse campeão. O Verdão ainda precisava conquistar mais um ponto para garantir matematicamente o estadual. mas a certeza de Evair era a de todos os palmeirenses. o time seria campeão! O único adversário que ainda poderia alcancar a equipe era o São Paulo se ganhasse todos os jogos, e bem, e se o Palmeiras perdesse suas duas últimas partidas, desgracaque o belo futebol do time tornava uma hipótese remota. Daí a festamo gramado. "Me dá o seu par de meias, César", implorava o office-boy Francisco David ao capitão César Sampaio.

A consagração definitiva, entretanto, só veio com a vitória de 1 x Osobre o Santo André, no ABC paulista. Coroava-se assim um trabalho vitorioso que consumiu quatro meses, incluiu 30 jogos, somou 47 pontos ganhos, o maior número de vitórias (20) e o ataque mais positivo (63 gols). Mas não foi nada fácil. A volta do sistema de turno e returno com

pontos corridos (a ultima disputa nesses moldes acontecera em 1984) resultou em um duclo fantástico entre Palmeiras, Connthians e São Paulo.

Muitas vezes porém, a emoção acabou se transformando em tensão. Não demorou para que os atritos começassem a explodir. O primeiro deles partiu da sempre exigente torcida palmeirense. Descontentes com as derrotas contra Ponte Preta e Corinthians, algumas facções uniformizadas detxaram de aplaudir os jogadores. O problema durou até 1º de abril, uma Sexta-feira Santa em que o Verdão esmagou o Guarani por 4 x 2. Foi a redenção dos palmeirenses. A torcida fez as pazes com o time, "A sua maneira, a galera sempre nos deu força", ameniza o lateralesquerdo Roberto Carlos.

Quando todos imaginavam que as dificuldades internas estavam superadas, o polêmico atacante Edmundo brigou com o técnico Vanderley Luxem burgo ao ser substituído num jogo contra o São Paulo, pela Taça Libertadores. Ficou de fora do restante do Paulistão. O que seria um problema para o time acabou se tornando uma solu cão. Q atacante Edilson, que

amargava a reserva, foi escalado e não decepcionou. Tornouse uma das mais mortiferas armas do Palmeiras na reta final. Evair foi o palmeirense com maiores motivos para co memorar. Além de bi, o camisa 9 marcou 24 gols e foi o artilheiro do Paulistão.

Evair também balancou as redes na vitória de 2 x 1 contra o Corinthians, na última roda da. Era a glória. Afinal, mesmo com a faixa no peito e a taca nas palmeirense mãos, cada sonhava vencer o major rival para completar a temporada de gala. Além do gol de Evair, o Pacaembu pode assistir a uma obra de arte de Edilson, que driblou toda a defesa corintiana antes de balaçar as redes. Até o colombiano Rincón, que permaneceu apenas quatro meses no Parque Antártica antes de partir para o futebol italiano, soube incorporar o espírito ali viverde: "Ganhar do Corinthians tem gosto especial "

Com o título assegurado, o show a ser da torcida, que desfilot, pela cidade cantando em coro: "£i, vocêaí, o Porco já é bi, o Porco já é bi!" Um bordão que os palmeirenses prometem repetir em 1995, apenas trocando a última palavra por tri.

"EDÍLSON, QUE AMARGAVA A RESERVA, FOI ESCALADO E NÃO DECEPCIONOU. TORNOU-SE UMA DAS MAIS MORTÍFERAS ARMAS DO PALMEIRAS NA RETA FINAL"

12/5/94 BRUNG DANIEL (STO. ANDRÉ)

SANTO ANDRÉ O X 1 PALMEIRAS
J: Renato Marsigna R: CR\$ 100 795 000,
P: 10 839; G: Evair 18 do 19
SANTO ANDRÉ: Slivio, Marcão, Agnaldo,
Correla e Cipo Candeias, Marcos Paulo
(Zinho), Marquinhos, Jorginho e Rizza,
Claudinho, T: Jair Picerri
PALMEIRAS: Fernández, Cláudio, Tonháo
(Alexandre Rosa), Ricardo (Amaral)

e Roberto Carlos; César Sampaio, Maz hho, Rincón e Zinho; Edfison e Eva r. T: Vanderley Luxemburgo



TEM GOSTO MELHOR QUE COMQUISTAR o título brasi eiro em cima do maior rivai? Foi o que Palmeiras conseguiu em 1994 O nesquecível esquadrão a viverde (Antônio Carlos, César Sampaio, Zinho, Rivaldo, Edmundo e Evair) esmagou o Corinthians

A RECEITA DO GAMPEAO: VITÓRIA DO PROFISSIONALISMO

Os melhores jogadores do país, um estrategista no banco de reservas, a diretor a (finalmente) unida em torno de um objetivo. O Palmeiras, que já tinha todos os ingredientes para ganhar o título, planejou e chegou iá

omo acontece sempre que a bola rola, o campeonato pôs em campo a rivalidade e a paixão do futebol brasileiro e consagrou um grande campeão O Palmeiras soube ganhar as partidas nos momentos decisivos, ultrapassando o surpreendente Guarani, tido como a melhor equipe da competição até enfrentar o Verdão. Mas, no ano do tetra mundial, o título ficou em boas mãos. Ninguém pode negar que o vecchio Palestra - um verdadeiro ninho de cobras -representa o supra-sumo do futebo, canarinho, hoje concentrado em terras paulistas. Afinal, sete dos oito times de São Paulo na competição acabaram c.assificados entre os dez primeiros.

Quando o zagueiro Antônio Carlos entrou no gramado do Parque Antártica puxando a fila de jogadores para a estréla contra o Paraná, um rigoroso plano de ação já havia sido deflagrado. Cada detalhe do que aconteceria nos 127 dias seguintes fora pensado pela comissão técnica. E, na cabeça de cada integrante do elenco palmeirense, havia uma certeza: em 18 de dezembro, o Palmeiras

estana confirmando seu status de melhor time do país.

Até o término do primeiro turno da segunda fase, tudo seguia dentro do combinado, sem nenhuma grande surpresa. O Verdão venceu seu grupo nas duas primeiras etapas. Os problemas começaram no segundo turno, quando o time acumulou derrotas contra Guarani (0x1) e Fluminense (1x4).

O que impressionava no Verdão de 1994, no entanto, era o bom ambiente, apesar das críticas da torcida, "Tudo mudou este ano", testemunhou o lateral-esquerdo Roberto Carlos, "As brigas e confusões acabaram e o ambiente melhorou muito", completa. O único descontente era o técnico Luxemburgo. Pressionado pelos torcedores das numeradas do Parque Antártica, situadas exatamente atrás do banco de reservas o técnico ameaçava deixar o clube tão logo o Campeonato acabasse - promessa que cumpriu. Mas, se nos tempos das brigas o Verdão já havia se acostumado a ganhar tudo, a pacificação tornou as vitórias ainda mais fáceis. Assim, o Verdão contabilizou o maior número de pontos (46), o melhor ataque (58 gols) eo maior número de vitórias (20).

"No Brasileiro, chegamos a um estágio em que nenhum jogador faz falta", testemunha o zagueiro Antônio Carlos. "Temos aqui no clube reservas de alta qualidade e um padrão de jogo irugualável." A dificuldade será a manutenção desse mesmo padrão de jogo para a Taça Libertadores e a Copa do Brasil, as prioridades em 1995. "É óbvio que damos uma grande importância ao tricampeonato paulista, mas não vamos repetir o erro de 1994, quando tentamos ganhar o Estadual e perdemos a chance de levantar o Mun dial", argumenta o vice-presidente de futebol Seraphim Del Grande.

O dirigente palmeirense já deu o primeiro passo para vencer o Mundial ao renunciar à candidatura pela presidência do clube, favorecendo a reeleição de Mustafá Contursi Com a pacificação do elenco e dos cartolas, áreas tradicionalmente conturba das no clube, o Parque Antártica sonha tornar-se a capital mundial da bola em 1995

"NINGUÉM PODE
NEGAR QUE O VECCHIO
PALESTRA — UM
VERDADEIRO NINHO
DE COBRAS —
REPRESENTA O
SUPRA-SUMO DO
FUTEBOL CANARINHO"

18/12/94 PACAEMBU (SÃO PAULO)

PALME RAS 1 X 1 CORINTHIANS

J: Márcro Rezende de Freitas (MG)

R: R\$ 372 325, P: 35 217; G: Marques 3
do 1º e Rivatdo 36 do 2º; CA: Marcei nho,
Ronaldo, Boradeiro, César Samparo, Branco,
Gratak e Antônio Carlos, E: Branco e Zinho
7 e Lusinho 19 do 2º

PALMETRAS: Velloso, Cláudio, Antônio Cárlos, Cléber e Vágner, César Sampaio, Flávio Concetção , Amaral), Zinhio e Rivaldo, Edmundo (Tonhão) e Evair. Ti Vanderley Loxemburgo

CORINTRIANS: Ronaldo, Paulo Roberto, Henrique, Graiak e 8 anco, Marceinho Pau sta, Jusinho e Souza (Tupázinbo), Merceinho, Vioia e Marques, Til Jair Perétra



O PALMEIRAS FEZ UMA CAMPANHA QUASE PERFEITA no estadual de 1996 27 y torias, do s empates e uma derrota. PLACAR acompanhou a equipe durante uma semana para mostrar os bastidores de um supertime

OITO DIAS COM O VERDÃO

Qual o segredo da supermáquina palmeirense? Para decifrar esse mistério, PLACAR mergulhou de cabeça na rotina palmeirense durante a semana dos clássicos do Paulistão >>> POR SÉRGIO XAVIER FILHO

omingo, 28 de abril Na preleção, ainda no Hotel Aruá, em Serra Negra, a 152 quilômetros de São Paulo, o técnico passa a mensagem em um tom de voz de pai furioso: "Nada está ganho. Não adianta a gente fazer bonito se não passar pelo São Paulo e levar o campeonato." Quase todos captam o recado. O time ganha de 3 x 2 com grandes atuações de Müller e Rivaldo, Dialminha é substituído e sai irritado de campo. O jogo Luxemburgo tira os cartolas do vestiário e dá uma ensaboada em Dialminha na frente do time. O craque entra correndo no ônibus e senta no último banco, emburrado.

Segunda, 29 de abril

Mal desce de seu Jeep Cherokee verde, Djalminha é sufocado pelos microfones. Com a mesma classe com que bate na bola, o filho de Djalma Dias explica que estava certo em não gostar da substituição no jogo da véspera, da mesma forma que Luxemburgo tinha razão em criticá-lo. O técnico deixa claro que não era caso de punição nem de caça às bruxas. Acaba em pizza o episódio.

Terça, 30 de abril

Calmaria no CT do Palmeiras. Um tremo leve pela manhã e folga à tarde. A pacata terça-feira tem, porém, a bronca diária. Luxemburgo convoca a turma e reclama do salto alto de alguns.

Quarta, 1º de maio

O zagueirão Cléber acorda duplamente preocupado. À tarde o jogo é contra a Portuguesa, time encardido que costuma aprontar com o Verdão. A outra preocupação tem 4,150 guilos, chama-se Rachel e está na Maternidade Santa Joana, A segunda filha de Cléber nasceu na segundafeira e o jogador só conseguiu vê-la por alguns instantes. O Palmeiras não manda no jogo e arrisca-se a amargar sua primeira derrota depois que Djalminha é expulso. O Verdão marca primeiro com Müller, a Portuguesa empata e só não vira o jogo porque Cléber é o melhor em campo.

Quinta, 2 de maio

Elivélton, o "Gagunho", como é chamado pelos colegas, deveria estar defolga. Precisa de tremo, porém, pois vai entrar no time no lugar do expulso Djalminha. Ficou uma semana parado em função de uma lesão misteriosa. Enquanto Elivélton trema. Velloso se diverte. No dia de folga, o goleiro leva a fl.ha Natália à escola e vira a atração da classe.

Sexta, 3 de maio

Um treino leve, a tradicional bronca de Luxemburgo no vestiário de que "nada está ganho..." e o resto do dia de folga. O italiano Marco Osio sabe bem disso. Com o calendário maluro do Brasil, Osio não consegue programar nada que não seja treino, concentração e jogo. Por isso sua mulher, a bela Federica, está voltando para Parma.

Sábado, 4 de maio

Luxemburgo tenta corrigir no campo o problema dos ultimos jogos: a falta de pontaria. Quase perde apaciência com os chutes de Amaral e cobra um melhor aproveitamento do artilheiro Luizão. Na saída do treino, perto do meto-dia, Luizão acelera seu carro nº 2, o BMW 325i (o bólido titular, Mitsubishi Eclipse, esta na oficina), para um almoço em companhia feminina.

Domingo, 5 de maio

Aos 42 minutos, sai o gol de empate de Marcelinho. Os palmeirenses não conseguem disfarçar o abatimento e os corintianos comemoram como se fossem campeões. Apenas no vestiário os jogadores se dão conta do óbvio: o Palmeiras está a cinco pontos do Araçatuba e com folga sobre Santos, São Paulo e Corinthians.

"O JOGO ACABA,
LUXEMBURGO TIRA
OS CARTOLAS DO
VESTIÁRIO E DÁ UMA
ENSABOADA EM
DJALMINHA NA
FRENTE DO TIME.
O CRAQUE ENTRA
CORRENDO NO ÔNIBUS
E SENTA NO ÚLTIMO
BANCO, EMBURRADO."

2/8/96 PQ. ANTÁRTICA (SÃO PAULO) PALMEIRAS 2 X O SANTOS

PALMEIRAS 2 X O SANTOS

e: Oscar Ruíz (Cotômbie): R; R\$ 302 115,

P: 27 000 G: Luizão 6 do 1°; Cléber 33 do

2º CA. Gateano, Amarei. Djalminha,

u. zão, Júntor, Narc so, Baiano, Giovanni,
Gallo e Macedo, E: Edimo

PALMEIRAS: Velioso, Cafu, Sancro,
Cléber e Júnio; E vérton; Galeano, Amarei
(Marquinhos), Riva do e Dja minha, Müler

e Luizão. T: Vanderiey Luxemburgo

SANTOS: Edinho, Cáedio, Sandro, Narciso

e Marcos Adriano, Gallo, Ba ano, Jamelli

e Robert (Camanducafa), Macedo (Nando)

e Giovanni. T: Orlando telé



PO PRIMEIRO JOGO, no Mineirão, o Cruzeiro venceu por 1 x 0. O gol do título vir a no penúltimo minuto da decisão no Morumbi, calando finalmente os críticos de Luiz Felipe Scolar

O DOCE BARBARO

Aos berros, Felipão conquistou a Copa do Bras I. Mas, em casa, ele lava a louça e não tira o bigode porque a pulher não deixa

ue os machões do pampa não ouçam, mas Luiz Felipe Scolari é um gaucho que chora. E não só por causa de uma emoção irrefreável como aquela que bateu nos minutos finais do jogo contra o Cruzeiro, na decisão da Copa do Brasil. Ali eram lágrimas de alegría. Mais, de desabafo. O gol de Oséas a dois minutos do término do jogo livrou o técnico do Palmeiras de um fardo de críticas que lhe ardia nas costas desde o fiasco no Campeonato Paulista. Teve cromsta esporti vo deixando escapar que torceria contra o Palmeiras até que Felipão deixasse o comando E teve jornal estampando foto do técnico com a corda no pescoco em pleno Dia de Tiradentes.

A antipatia da imprensa se explica: seu jeitão tosco e maleducado espantou quem estava acostumado com o bom-mocismo de Márcio Araújo seu antecessor, e de outros técnicos 'simpáticos", que apreciam a ruz de um holofote, como Vanderley Luxemburgo. Scolari não gosta de falar com a imprensa. O faz com paciência, mas por obrigação. E com suas respostas atravessadas, criou todo um folciore em torno de si

Gaúcho de Passo Fundo, 49

anos, casado há 24 com a professora Olga Scolari e formado em Educação Física, Felipão ganhou fama de rude, disciplinador, exigente, boca-suja e sargentão (apelido que odeia). Adepto do "quem manda aqui sou eu", é capaz de enclausurar o time intero em interm.náveis concentrações. Para isso, basta desconfiar que tem jogador caindo na gandaia. "Se tu chegas de manhã e o cara te olha meio de lado, é porque ele estava festando à noite", ensina. "Então, a gente concentra três dias antes do jogo "

Mas é só chegar em casa para Scolari guardar as bombachas no armário. Lava a louca de todo o jantar e até liberou o filho Leonardo, de 15 anos, para usar brinquinho "Quem manda, mesmo, é a minha nora. Ela émais gritona. Com a Olga o Felipe não tira farinha", entrega dona Cecy Scolan, de 75 anos, a mãe do técnico. A autoridade da mulher pode ser conferida no rosto de Luiz Felipe. São 30 anos cultivando o bigodão já grisalho. Só o raspou uma únicavez, e Olga ficou uma vara. "Durão, o Felipe?", espanta-se o delegado gaúcho e amigo íntimo da família, Ben-Hur Marchiori, "Um sujeito que assiste ao "Ghost" duas vezes echora nas duas...eu diria que é delicado demais!"

Seu inimigo número 1, no entanto, é a imprensa paulistana. Scolari agrediu com um soco no rosto o repórter Gilvan Ribeiro, do jornal Diário Popular, e tera de responder na Justica pelo seu gesto bruto. Nem assim demonstra arrependimento. "Oue agressão, que nada, aquilo foi só um empurtão", diz. "Será que o problema é mesmo nosso?", questiona o jornalista Anelso Paixão, de A Gazeta Esportiva, que já teve um pedido de entrevista negado por Felipão. "Se fosse um ou outro colega... Mas ele brigou com todo mundo." O fato é que, desacostumado a pressões, Luiz Felipe se assustou com a imprensa de São Paulo, No seu R.o Grande, as coisas eram mais brandas. No primeiro mês em São Paulo, Scolari telefonou para a irmā mais veiha reclamando da dificuidade de trabalhar na cidade. Ao que Cleuza, de 53 anos, que já teve o nariz golpeado por um safanão do maninho, respondeu-"Não te queixes, Felipe. Largaste o Japão por um bom ganho. Te aguentes aí "

"'DURÃO, O FELIPE?', ESPANTA-SE O AMIGO BEN-HUR. 'UM SUJEITO QUE ASSISTE AO 'GHOST' DUAS VEZES E CHORA NAS DUAS... EU DIRIA QUE É DELICADO DEMAIS!"

30/5/98 MORUMBI (SÃO PAULO)

PALMETRAS 2 X 0 CRUZETRO

J: S drack Mar nho dos Santos (SE), R: R\$
453 674, P: 45 237 G: Paulo Nunes 12 do
15; Oséas 44 do 2° CA: Roque Junior,
Cléber e vi fison Gottardo

PALMETRAS: veiloso, Neném, Cléber, Rogue Lúnior e Júnior, Saleano, Rogério, Alex "Artison) e Zinho; Oseas (Pedrinho) e Paulo Nanes (Almiri T: Luiz Fellipe Scollari CRUZETRO: Paulo César, Gustavo, Marcelo Dgan, Wilson Gottardo e Gilberto; Vardir, Ruardinho, Marcos Paulo e El vélton Geovanno); Bentinho (Caio) e Marcelo Ramos. Ti Levir Culp



TÃO INESQUECÍUEL QUANTO A UITÓRIA SOBRE O DEPORTIUO CALI na final foi tirar nas quartas-definal o maior rival, o Con inthians, e o River Plate nas semifinais

VIRA, VIRA,

O Verdão dá show na Libertadores ganha part das impossíveis e consagra o técnico Luiz Felipe Scolari

emana após semana, o Pa,meiras vai triturando os adversários. Não tem cansaço, não tem rival, não tem placar que não possa ser superado. O time está perdendo e precisa fazer dois gols em cinco minutos? Sim, é possível, e o Fiamengo que o diga (perdeu de 4 x 2 nas quartas-definal da Copa do Brasil). Os argentinos do River Plate, que só precisam de um empate, são encardidos? Não tem problema. O Verdão dá show. Faz um, dois, três gols e humilha os temíveis rivais.

Uma revolução foi deflagrada no Parque Antártica. Antes de o time engrenar, o técnico Luiz Felipe Scolari, desgastado com a diretoria, ameaçou sair. Zinho quase foi para o Flamengo, Alex era um dorminhoco que não despertava confiança e o goleiro Marcos tinha pouca experiência no time titular Hole, são as figuras centrais da virada que transformou o alviverde na melhor equipe do Brasil e que, na disputa com o surpreendente Deportivo Cali, da Colômbia, está a um passo de conquistar a Libertadores, o título mais importante de sua nistória.

Na primeira fase da Libertadores, o Palmeiras ficou em segundo lugar em seu grupo, atras do Corinthians, e iria enfrentar, nas oitavas-definal, o Vasco de Felipe, Donizete e Mauro Galvão. Como decidia a vaga em casa, o Vasco era o favorito (Em São Paulo houve empate em 1 x 1). "Foi a partir dos 4 x 2 contra o Vasco que nós ganhamos a confiança necessária para seguir em frente num torneio mata-mata" explica o técnico Luiz Felipe Scolari.

Na preleção antes da partida, Felipão repetiu a palavra "macho" várias vezes. "Ele disse que ninguém iria ficar intimidado com a pressão da torcida, que o Parmeiras deveria jogar um futebol de macho, de time grande de verdade", conta o tetracampeão Zinho. O meia Alex, que tinha a fama de tremer em partidas decisivas, mereceu atenção especial do treinador. Teve longas conversas nos días que antecederam o jogo. "O professor me pediu para evitar firulas e ficou lembrando, todos os dias, os grandes gols que eu tinha ferto pelo Palmeiras", conta Alex.

Não por coincidência, Alex marcou dois gols e mostrou muita confiança dentro de campo. Tornou-se o principal articulador das jogadas ofensivas e o cérebro do meio-campo Se os atacantes não aparecem, ele resolve. Fez dois golaços na vitória de 3 x 0 contra o River Plate e, no final da partida, foi cortejado até pelos adversários, que o cumprimentaram pela grande partida.

Hoje, até os diretores que antes torciam o nariz para Felipão aprenderam a admirá lo. O Palmeiras é um time de pegada — Cléber, Júnior Baiano e Galeano intimidam qualquer um —, mas sabe jogar com talento quando é preciso. "O Felipe está fazendo cada um de nós colocar o coração na chuteira", afirma o volante César Sampaio, o homem mais ouvido e respeitado do elenco depois do próprio Felipão.

Apesar de ser minucioso (os cruzamentos na área, a jogada mais mortal do time, são repetidos à exaustão nos treinamentos) e exigente (teve um bate-boca com Zinho por causa de concentração, lá que o jogador não agüentava mais ficar tanto tempo longe da família). o gaúcho Luiz Felipe Scolari é um grande sentimental. Tem chorado a cada vitória do Palmeiras, distribui ingressos para a torcida e, em virtude da maratona de decisões, está com os nervos à flor da pele. Depois de ameaçar sair, seu discurso mudou, "Se deixarem, fico no Palmeiras mais uns 30 anos."

"LUIZ FELIPE SCOLARI
É UM GRANDE
SENTIMENTAL.
TEM CHORADO
A CADA VITÓRIA
DO PALMEIRAS,
DISTRIBUI INGRESSOS
PARA A TORCIDA
E ESTÁ COM OS
NERVOS À FLOR DA
PELE. "SE DEIXAREM,
FICO NO PALMEIRAS
MAIS UNS 30 ANOS""

26/5/99 PQ. ANTÁRTICA (SÃO PALLO)

PALMERAS 3 X O RIVER PLATE

J: Gustavo Méndez (Urugua , G: Alex 45,
Roque Junior 17 do 1º; Alex 41 do 2º;
CA: Lombordi, Zinho, Sarabia, Bert

PALMEIRAS: Marcos, Arca, Roque Júnioz,
Agnaldo e Rubens Cardoso (Trago Silva ,
Rogèrio (Geleaño) César Samparo, Zinho
e Alex; Paulo Nuñes o Osèas (Euller)
T: Luiz Feune Scolari
RIVER PLATE: Bonano, Lombardi

Sarabia Berizzo e Sorin, Piacente (Pizzi) Netto (Amar), Pereyra (Gancado) e Berti; Gallardo a Angel. T: Pamón Diez



FINALMENTE O FALMETRAS chegava ao título mais sonhado de sua história. Não foi fácil· depois de perder em Cáll o primeiro jogo, o time conseguiu levar a decisão para os pênalts.

É O TIME DA VIRADA

No gr to da torcida palmeirense, o reconhecimento de um time tão forte quanto apaixonante

arecia que não ia dar. No primeiro tempo um desgracado 0 x 0, obrigação de marcar dois gols para reverter a vitória do Deportivo Cal. na Colômbia, equipe nervosa. O segundo tempo começa, o Palmeiras se atrapalha com a bola e, como num passe de mágica, um pênalti a favor do Verdão. Gol de Evair, felicidade no Parque Antártica. E aí velo o gol colombiano Parecia que não la dar. Mas Oséas desempatou em grande jogada de Júnior. E aí só restavam os pênaltis, os mesmos pênaltis que tiraram o Palmeiras da Copado Brasil cinco dias antes. Parecia que não la dar, Mas deu, uma vitória palmeirense por 4 x 3 e o título inédito de campeão da Libertadores 1999.

E pensar que houve quem não acreditasse mais no título, quando o time tropeçou na primeira fase. Aquelas derrotas para Corinthians e Olimpia não estavam mesmo nos planos. Ficar em segundo hugar, então, era o prenúncio da tragédia, pois o regulamento empurrava o Palmeiras para uma disputa contra o Vasco, o poderoso campeão da

Libertadores 1998. Nesse momento, questionou-se se todo o investimento da Parmalat não tinha sido exagerado Sera que teria valido mesmo a pena trazer veteranos como Evair e Rivarola? Sera que o carrancudo Luiz Felipe Scolari era mesmo o nome certo para levar o time à frente na competição?

Para esta última pergunta, a mais importante, havia uma resposta. Sim, Felipão era o nome, "Vamos jogar como homens. Vamos decidir", disse o técnico, pouco antes de o time entrar em São Januário para o jogo com o Vasco. Logo aos 3 minutos, 1x0 Vasco, Qualquer equipe estaria morta. Mas o Palmeiras tinha seus homens em campo. Nascia ali a mística do time da virada. Sem se abalar com a desvantagem, Alex, Paulo Nunes, Oséas, entre outros, humilharam os cariocas, fizeram 4 x 2.

O time que voltou do Rio de Janeiro com a classificação era outro. Estava encantado. O Palmeiras seguia em frente. Fazia milagres na Copa do Brasil e no Campeonato Paulista Depois de eliminar o Vasco, o regulamento, ele outra

vez, trouxe o Corinthians de volta ao caminho palmeirense. No mais completo bombardeio da temporada, os atacantes alvinegros bateram de frente numa parede chamada Marcos. Os peladões Dinei (travessão) e Vampeta (nas mãos de Marcos) perderam seus chutes e o Palmeiras continuou sua marcha.

Logo as viradas estavam de volta. O time perdeu para o River Plate, da Argentina, no primeiro jogo, por 1 % 0. Ninguéra se abalou. Cerca de 32 mil pessoas tiveram o privilégio de ver à sua frente uma exibição de maravilhosa do meia Alex no Parque Antártica. Ele fez dois gols e jogou tanto que até os arrogantes argentinos foram cumprimentá-lo após a partida. Foi 3 x 0, fora o baile. Como estranhamente acontece com este Palmeiras, os fatos se repetiram. A exemplo do que acontecera com o River, a primeira partida acabou 1 x 0 para o adversário Da mesma forma, o Palmeiras que retornou de Cáli desembarcou em São Paulo com a sensação de quem iria virar no segundo togo da final. E virou.

"O PALMEIRAS
QUE RETORNOU DE
CÁLI DESEMBARCOU
EM SÃO PAULO COM
A SENSAÇÃO DE
QUEM IRIA VIRAR
NO SEGUNDO JOGO
DA FINAL"

16/6/99 PQ. ANTÁRT CA (SÃO PAULO)

PALMERAS 2 X 1 DEPORTIVO CALL COU.

J: Ubaido Aquino (Paragual), P: 32 000:

G: Evair (pēnalti) 19, Zapata (pēnalti) 24
e Oséas 30 do 2º Nos pēnaltis: Paimeiras
4 (Junier Baiano, Roque utinot: Rogério e
fuller; Zinho perdeu x 3 Deportivo (Dudamai,
Gavir a e Yepes, Bedoya e Zapata perderam),
CA: Córdoba, Betancourt, Aiex, Júnior
Baiano, Bedoya, Zinho, Hurtado, Budamel
E: Mosquera 33 do 2º; Evair 4 do 1º tempo da
prorrogação
PALMEIRAS: Marcos, Arce (Evair), Júnior

PALMETRAS: Marcos, Arce (Evair), author Baiano, Roque Johnor e wintor, Rogério, César Sampaio, Atex (Eviller) e Zinho; Oséas e Paulo Nanes. Ti Luíz Felipe Scolar: DEPORTIVO: Dudame, Pérez (Gaviria) Vepes, Mosquera e Bedoya; Viveros. Zapata Candelo (Hurtado) e Córdoba (Valentra); Borilla e Betancourt Ti José hiernández



A PREPARAÇÃO FOI ARDUA, mas não foi suficiente. O Palmeiras fez jogo igua, com o poderoso Manchester mas bastou uma única fa ha para acabar com o sonho do título mundial

TÓQUIO DE RECOLHER

O Palmeiras voltou sem o caneco na bagagem para a alegría dos especialistas de plantão, que tinham explicações prontinhas. Mas será que o problema não foi apenas o goleiro adversár o? >>>> POR ANDRÉ FONTENELLE

ual a fórmula mágica para ganhar Mundial ٥ Interclubes? Depois de quatro decepções seguidas (Grêmio, em 1995; Cruzeiro, em 1997; Vasco, em 1998; e Palmeiras, em 1999), os clubes brasileiros estão desenvolvendo um pernicioso Comp.exo de Tóguro. A cada título da Libertadores é a mesma coisa: comeca a serelaborado com ansiedade um ambicioso projeto de conquista da Copa Toyota, como se aquela partida de 90 minutos fosse comparável ao desembarque aliado na Normandia, na Segunda Guerra Mundial, Resultado: enquanto o time brasileiro entra em campo com toneladas de responsabilidade nas costas, os europeus, recem-chegados das compras nas lojas de eletrodomésticos de Tóquio, boceiam de tédio e fuso desregulado.

Depois da derrota palmeirense, como ocorre a cada ano, os especialistas de plantão saem da toca para explicar as razões da derrota. O engraçado é que os mesmissimos argumentos usados contra o Palmeiras estariam sendo utilizados a seu favor agora, se Felipão tivesse voltado com a taça na mão. Não acredita? Troque "perdeu" por "venceu" nos parágrafos abaixo

O Palmeiras perdeu porque priorizou o Mundial. Em 1983, o Grêmio se dedicou exclusivamente, durante quatro meses, à preparação para Tóquio, Jogou o Campeonato Gaúcho com o time reserva, entregando a taça despudoradamente ao Inter. Em 1992, por sua vez, o guioso São Paulo de Telê Santana não deixou nada para ninguém: ganhou o primeiro jogo da final do Paulista, foi a Tóquio e, com a Copa Intercontinental debatxo do braco, voltou para impedir o Palmeiras de quebrar um jejum que já durava 16 anos.

O Palmeiras perdeu porque chegou cedo demais. Foram dez dias no Japão. Tempo demais ou tempo de menos? A hora certa de chegar a Tóquio vem se tornando uma obsessão dos times brasileiros, enquanto os europeus chegam sempre em cima da hora. O Vasco, em 1998, passou 20 dias fora de casa e perdeu. O Flamengo em 1981, teve a sorte de não precisar escolher o intervalo entre a conquista da Libertadores e a do Mundial foi de apenas três semanas, com final

Campeonato Carioca no melo.

O Palmeiras perdeu porque contratou Asprilla. Enxertar craques de aluguel no time, às vésperas do Mundial, não é garantia de vitória para ninguém, mas também não e sinônimo de derrota certa, Em 1983, o Grêmio alugou os veteranos Mario Sérgio e Paulo César Caju apenas para o jogo de Toquio, Venceu. Em compensação, em 1995 o Cruzeiro tentou repetir a fórmula, com Bebeto, Donizete e Gonçalves no time. Levou um baile do Borussia Dortmund, Ou seja, contratar ou não contratar não decide a parada

O Palmeiras perdeu porque respeitou demais o adversario. O mesmo foi dito do Vasco em relação ao Real Madrid, em 1998. Mas em 1997 os dirigentes do Cruzeiro evitaram saturar o time com informações sobre o Borussia Dortmund e não adiantou.

Conclusão: o Palmeiras perdeu porque enfrentou um adversário muito bom, porque a bola não entrou quando tinha que entrar, porque o goleiro deles pegou tudo e o nosso bobeou numa. Como em qualquer partida de futebol "DEPOIS DA DERROTA
PALMEIRENSE, COMO
OCORRE A CADA ANO,
OS ESPECIALISTAS
DE PLANTAD SAEM
DA TOCA PARA
EXPLICAR AS RAZÕES
DA DERROTA"

1/12/99 NACIONAL (TÓQUIO,

MANCHESTER UNITED

1 X O PALMEIRAS

J. Heilmur Krug (Aremanha) P: 53 372*

G: Keane 34 do 1°; CA: Alex e Silvestre

MANCHESTER BNITED: Bosnich, Gary
Nevitte, Stam, Silvestre e Irwin, Beckham,
Keane, Scholes (Sheringham) e Butt;
Solsk, aer (Yorke) e Giggs. Tr: Alex Ferguson

PALMEIRAS: Marcos, Arce, Júnior Balano
Roque Junior e Junior; Galeano (Evair)
César Sampajo, Zinho e Alex; Paulo Nunes
e Asprilla (Oséas). Tr: Luiz Perpe Scolar



🚊 PRIMEIRA UISTA, o Rio-São Paulo é um torneio menor de inicio de temporada. Mas a empoigante goleada ná decisão deu à conquista o sabor das maiores decisões.

A VOLTA POR GIM

Luiz Felipe Scolari calou a boca dos críticos e, com um time desacreditado, levou o Palmeiras com brilho ao título >> POR ANDRÉ FONTENELLE do Rio-São Paulo

arecia até que o Palmeiras precisava vencer por qua tro gois de diferença. A fome com que o time entrou no Morumbi para decidir o Rio-São Paulo so pode ter um motivo: os homens de Luiz Felipe Scolari tinham muita coisa a provar. Entre outras, que a torcida não tem motivo para sentir saudade do esquadrão campeão da Libertadores.

Azar do Vasco, que, por acaso, era o adversário que o Palmeiras tinha pela frente. Precisando de um gol devantagem, no mínimo, para forçar uma decisão por pênaltis, o time de Antônio Lopes se viu acuado desde o primeiro minuto da decisão.

Arriscando chutes de fora da área e se movimentando de forma surpreendente - Júniore

Alex apareciam em toda parte -, o Palmeiras deixou o Vasco inteiramente confuso, fez três gols no primeiro tempo epoderia ter feito mais. É só lembrar as duas bolas no travessão.

Dois gols saíram, claro, do pé esquerdo de Alex. O primeiro, uma bola rolada com frieza para uma bomba assustadora de Pena. O segundo, um cruzamento que encontrou Argel sozinho na área. Ou melhor, sozinho não: Pena também estava na jogada. A defesa do Vasco, não.

Não se pense, porém, que a defesa palmeirense não teve trabalho. Com Edmundo e Romário no ataque vascaíno, não há como ter sossego. Mas na melhor chance do Animal no primeiro tempo, Marcos esticou o braço e fez uma

daquelas defesas que só se vêem de muito em muito tempo.

Na segunda etapa, o Palmeiras baixou um pouco o τitmo. O Vasco também, sem esperança de título e sem Romário, que sentiu uma distensão e deu lugar a Viola Sem forçar, o time de Felipão chegou ao quarto gol. Eullerganhou de Hélton na corrida e foi tocado pelo goleiro vascaíno. Arce cobrou o pênalti de um jeito que goleiro nenhum alcançaria.

Era um Palmeiras bem diferente do do ano passado, até na camisa um verde esquisito que fo, mal recebido pela torcida nos primeiros jogos. Mas quando o time é campeão esta tudo certo, A.nda mais com goleada, como na inesquecível noite de 1º de março no Morumbi.

"ERA UM PALMEIRAS BEM DIFERENTE DO DO ANO PASSADO, ATÉ NA CAMISA. UM VERDE ESQUISITO QUE FOL MAL RECEBIDO PELA **TORCIDA NOS** PRIMEIROS JOGOS"

1/3/2000 MORUMBI (SÃO PAULO)

PALMEIRAS 4 X D VASCO J: Jorge Travassos (RJ), G: Pena 27, Argei 32 e Fuller 34 do 1º; Arce (pênaiti) 23 do 2º: CA: Gilberto, Júnior, Edmundo, Pega e Amarai

PALMEIRAS: Marcos, Arce, Argel, Roque Júnior e Junior (Tiago), Galeano, César Sampaio, Rogério e Alex Euller (Jackson) e Pena (Aspr. a). To Luiz Felipe Scolari VASCO: Héiton, Paulo Miranda (Maricá), Odvan, Mauro Galvão e Gilberto, Amaral, Válber Juninho e Alex Ouvera (Pedrinho, intervaro): Edmundo e Remário (Viota), T: Antônio Lopes



DEPOIS DE ELIMINAR O FRUORITO CORINTHIANS numa semifinal inesquecive, o Parmeiras perdena o bi da Libertagores nos pênaitis. Mas a torcida reconheceria o feito de um time considerado apenás razcável

ELE OUASE CONSEGUIU

técnico Lu.z Fe. pe levou o me interio para uma sala luxuosa, no subsolo do hotel Elevage, no centro de Buenos Aires Dali a três horas o Palmeiras entraria no gramado de La Bombonera para começar a decidir a Liber tadores. O cenário era suntuoso: cadeiras estofadas elegantes, a sala toda decorada em marrom claro. Na escada, um segurança para impedir que a palestra fosse gravada por algum bisbilhoteiro.

"Vocês já fizeram muito mais do que eu imaginava. Já são campeões! Ninguém acreditava no nosso time e estamos na decisão. Parabéns! Vocês são heró.s!" Foi nesses termos que Felipão abriu a palestra. Deixou em segundo plano a qualidade do time argentino eo esquema de marcação sobre Riquelme, um pedido feito pela manhã a César Sampaio.

Em pouco mais de meia hora, o peso de jogar no assom broso caldeirao argentino sumu. Em vez de pressão, os palmeirenses sairam da conversa sentindo a euforia dos torcedores. O título jamais seria mais saboroso do que a eliminação do Corinthians.

O cenário agora era mais discreto, o hotel Santana Brazilian Flat. O discurso, repetido: "Muito obrigado a todos pelo que realizaram. Vocês são sensacionais, jogaram muito, se superaram", emendou Luiz Felipe. A última preleção não resolveu. O bi não veio Por um pênalti mai cobrado de Asprilla, outro de Roque Júnior, porque até Palermo converteu o seu (1), porque faltou sorte... Não deu!

Ou melhor, deu até demais. Nas outras preleções, Felipão quase transformou um grupo de poucas estrelas em bicampeão da América, "O ânimo como vi o time entrando contra o Corinthians foi inacredi tável", confirma Pena. Naquele dia, Felipão não pediu catarradas em Edilson, como na palestra apresentada em rede nacional pela TV Globo. Preferiu uma discussão séria em que um simples logo virou uma disputa de caráter "Eles são melhores do que nós com a bola nos pés. Isso éindiscutível Mas somos melhores em grupo. Qual é nossa estrela? Alex? Pois vejam como ele trabalha para o grupo. Agora vejam Marcelinho, Edilson... Um quer ser mais do que o outro."

O Palmeiras começou meiaboca o ano 2000 Terminou o semestre encantando os críticos, "Esse time está fazendo milagre", gritou, fora do ar, o repórter Wanderley Nogueira, da rádio Jovem Pan, de São Paulo, ao ver Euller empatar o jogo de ida com o Boca, Depois da eliminação do Corinthians. o goleiro Marcos foi apanhar seu carro e viu uma aglomeracão de palmeirenses no posto Texaco, da praça Marrey Júnior, em frente ao Parque Antártica. Juntou-se ao zagueiro Argel e passou ao lado da festa. Foi abraçado por uma multidão ensandecida, como se já fosse campeão. Argel recebeu um beijo na testa.

Depois da derrota nos pênaltis contra o Boca, a alegria de campeão desapareceu. Mesmo chorosa, porém, a arquibancada puxou um longo aplauso e cantou o hino do Palmeiras. De cabeça baixa no gramado, Felipão agradeceu. Os aplausos eram sinal de que ele estava certo, quando chamou seus jogadores de heróis antes mesmo da final. E ainda assim ele quase conseguiu desmentir a si próprio.

"MESMO CHOROSA,
A ARQUIBANCADA
PUXOU UM LONGO
APLAUSO E CANTOU
O HIND DO
PALMEIRAS.
DE CABEÇA BAIXA
NO GRAMADO,
FELIPÃO AGRADECEU"

6/6/2000 MORUMBI (SÃO PAULO)

PALMERAS 3 X 2 CORDINTHIANS
J: Editson Pereira de Carva ho; G: Euiller 33
e Luizão 38 do 1º Luizão 5. Aiex 13 e
Galeano 24 do 2º; CA: Luizão, Arge
Galeano, Kleber, Edu, Cásar Sampaio,
Adrison, Nos pênaltis: Palmeras 5
(Marcelo Ramos, Roque Junior, Aiek,
Asprilia e Júnior) x 4 Corinthians
(Ricardinho, Fábio Luciano, Edu e Índio;
Marcelinho Carioca perdeu)
PALMEIRAS: Marcos, Rogério, Argel
Roque vúnior e Júnior César Sampaio
(Tiago Silva), Galeano, Alex e Pena (Luiz
Cábdio), Eu er "Asprilla) e Marcelo Ramos.
T: Luiz Fešpe Soblan

CORINTHIANS: Dida, Daniel (Índio), Fábio Luciano, Adilson e Kieber; Vampeta, Edu, Marcelinho Carioce e Ricardinho Edilson e Luizão (Dinei). T: Oswaldo de Orveira



EM PÉ: Arce, Marcos, Roque Júnior, Rogério, César Sampaio e Júnior Baiano; AGACHADOS: Paulo Nunes, Júnior, Oséas, Alex e Zinho



Na dúvida, leve os três.





A HISTÓRIA DAARTE

Uma coletânea com as melhores matérias e fotos dos 13 maiores clubes brasileiros, publicadas em PLACAR desde os anos 70.

REPORTACIENS DE PLACAR

CAR

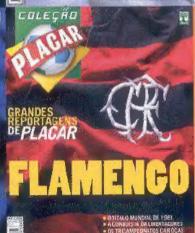


DE PLACAR









Peça já ao seu jornaleiro

